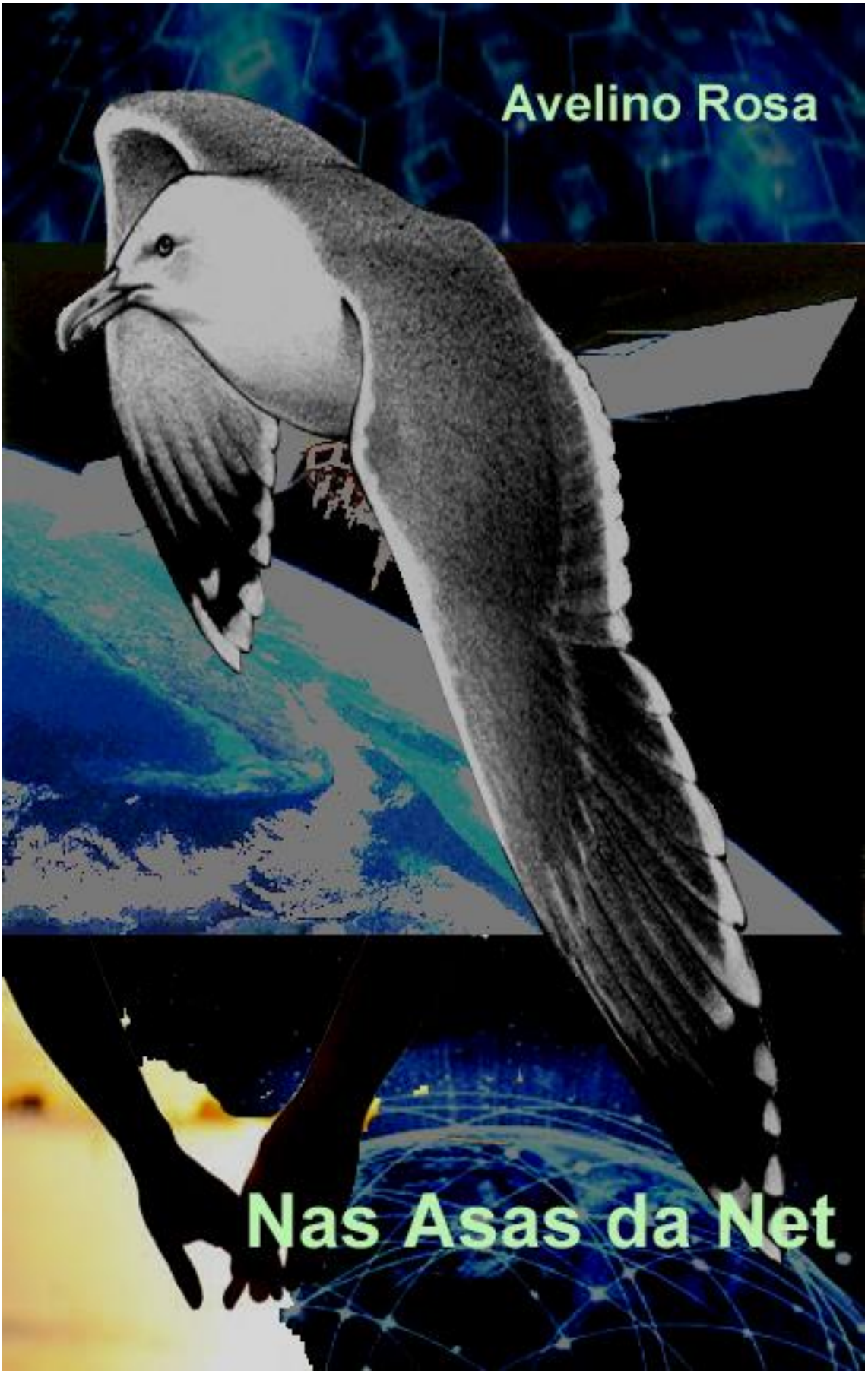
Avelino Rosa
Nas Asas da Net

Nas Asas da Net

Avelino Rosa

Capa: Avelino Rosa, Photoshop, a partir de imagens da Internet.

Texto original: concluído em 15 de maio de 2005.

Revisão: novembro de 2014, usando o novo Acordo Ortográfico.

Introdução

A Internet é um fenómeno cada vez mais abrangente e determinante da nossa vida. Se apresenta perigos, mais vantagens oferece a quem a pode e sabe utilizar, tirando dela o devido proveito. Já não sendo novidade, tem, sobretudo, a adesão dos jovens, mas também dos mais velhos jovens de espírito. Cativa pelo mundo que nos põe à frente dos olhos, pela comodidade e rapidez com que nos liga aos *sites* mais longínquos ou simplesmente ao banco ou ao hipermercado do nosso quarteirão. As filas de espera para pagamento do IRS deixaram de ter sentido. O tempo perdido a olhar as montras das últimas novidades discográficas ou dos filmes recém-estreados, esvai-se por entre as teclas do *keyboard*, dando-nos a condição de privilegiados utentes, refastelados no nosso mundo privado e sem desviar a atenção da rádio ou das músicas que já quase não tínhamos tempo de ouvir. Claro que também podemos escutar, via *net*, as últimas composições dos mercados dominantes, mas onde o nosso país ainda vai tateando.

Na Internet encontra-se tudo, ou quase tudo. Uma pesquisa pelo tema mais rebuscado ou mais patético ou mesmo ordinário retorna páginas e páginas de informação, muitas com interesse, algumas de uma mediocridade de espantar, outras simplesmente que viraram lixo, pela sua desatualização, que ninguém teve o cuidado de varrer do espaço *cibernautico*. Esta gigantesca rede, crescente em computadores de todo o planeta, como tudo o que se expande inexoravelmente, atinge a impreparação e a arrogância de quem ainda pensa

que a liberdade condicionada é possível de manter em nome da moral e dos bons costumes, argumento que, afinal, não passa da impotência de manter o poder sem obscurantismo. A Internet traz, quer se goste ou não, uma nova cultura, novos modos de estar e de pensar, porque a todo o instante interfere na nossa vida quotidiana, levando-nos a abraçar o universo global que existe para além do universo caseiro que nos rodeia fisicamente. É talvez como as descobertas, que deu novos mundos ao Mundo, mas essas são nossa invenção, de que todos os portugueses se orgulham. A responsabilidade pela globalização não é exclusiva da Internet. Os meios de comunicação social tiveram o primeiro papel e continuarão a mantê-lo. Mas a Internet, ao colocar em contacto pessoas, independentemente do ponto do globo onde se encontrem, humaniza, personifica, quebra as barreiras que a simples notícia ou imagem não são capazes de derrubar.

A Internet desperta os sentidos, faz sentir, transmite emoções. Culpa dos *chats*, abertos a todos os cibernautas, misturando idades, culturas, extratos sociais, em torno de temas ou de interesses comuns ou, simplesmente, da vontade de trocar palavras, em qualquer língua, elevadas, comuns ou pouco próprias, mas sempre reflexo daquilo que cada um é. Cabe a quem tecla avaliar e escolher, optando. Nos *chats* escreve-se a sério, brinca-se, mente-se, como na vida. Mas aqui o anonimato potencia a fuga, as confissões, as fantasias, as desinibições. Talvez que, nalguns momentos, os utilizadores desabafem mais consigo mesmos do que com o seu interlocutor ou

interlocutores, consequência do seu desânimo ou das suas próprias frustrações. Nas conversas em privado, quase tudo parece possível, até o amor virtual. Se as palavras excitam e podem por as sensações à flor da pele, não é possível saber se cada um realiza o que diz, se se acaricia, imaginando que sente o outro, se atinge realmente prazer, masturbando-se ou não, ou se tudo não passa de um mero exercício literário de melhor ou pior qualidade, quando não mesmo de ridícula ordinarice. Com as câmaras de vídeo, a imaginação perde, mas adquire uma outra dimensão, como se o contacto ficasse menos virtual, mais palpável. O que não se pode negar é que também a Internet parece poder proporcionar momentos íntimos, vividos com maior ou menor intensidade.

Do virtual para a realidade, a passagem apresenta cancelas mais ou menos difíceis de abrir. Se, por vezes, parece extemporâneo a cedência de *e-mails* ou do número de telefone, noutras as coisas decorrem a uma velocidade estonteante. Parece haver um clique que determina o curso dos acontecimentos. E quando surge, tudo é possível. A regra aponta para uma prudente cautela no fornecimento de dados mais pessoais. O tempo, nos casos em que perdura o contacto e a habituação ao parceiro, o conhecimento mútuo, que vai degelando a desconfiança e descodificando o anonimato, pode proporcionar o encontro real. Como se encara essa situação, quando se sabe que a relação amadureceu o suficiente para correr o risco, como vai correr o encontro, como será o outro ou outra, mesmo que se tenha visto uma foto

digitalizada ou a imagem do interlocutor? Quando tudo gira à volta de uma paixão repentina, de cedências imediatas, de encontros não previsíveis, serão os riscos acrescidos? São questões que cada um terá de avaliar e responder, com a cabeça e ou com o coração, porque, afinal, esta coisa dos *chats* da Internet parece ser mesmo um meio poderoso de transformar o virtual em realidade bem concreta.

O Autor

Isabel mordiscava o lábio enquanto se olhava ao espelho. Embora ainda estremunhada de uma noite curta, assumia já a postura do dia. A de uma mulher que, sabendo insinuar-se, tinha mais a preocupação de passar despercebida. Sabia que contava com um corpo ainda invejável, mas cedo se apercebera que o mais importante era saber viver sem concessões que não lhe agradassem. Olhava-se. Percorria o peito com as mãos, alargando o decote da camisa de dormir, descobrindo os seios. Pequenos, redondos e firmes. Talvez com um pouco mais de volume... Os homens gostam deles maiores. Paciência, nunca lhe passara pela cabeça a ideia de aumentá-los artificialmente. Os homens sensíveis e com sentido estético gostam deles assim. O último amante que tivera ficava extasiado, de olhar fixo, como se realizasse a sua fantasia mais profunda, tateando os contornos, sumindo-os nas suas mãos grandes, enquanto premia os mamilos com a ponta dos polegares, como se regressasse à infância ou absorto com um brinquedo favorito.

As olheiras destoavam um pouco naquele rosto quase perfeito. Consequência das noitadas, condescendia. Estava a viciar-se na Internet. Nunca pensara que a sua vida iria mudar radicalmente com este novo meio de comunicação. Uma mancha, do lado esquerdo do rosto. Talvez fosse apenas impressão, mas parecia querer aumentar. Iria ficar com um *pano* aterrador não tardava nada. Que ideia! Nada que uns cremes não resolvessem. Para já, uma maquilhagem dava conta do problema e disfarçava as olheiras. Ligou a rádio, que debitava as primeiras notícias do dia. Desgraças. Será que não podiam,

pelo menos de vez em quando, abrir com qualquer coisa simpática, que alegrasse a manhã? Mudou de estação. Música. Agora sim. A cadência dos sons era perfeita. A água que aquecia no polibã completava a torrente de um rock nostálgico. Trauteou a canção, enquanto se aconchegava no duche. Percorreu o corpo com as mãos, saboreando a suavidade da pele. Pelos brancos na púbis. Não era possível. Apenas com trinta e nove anos... Nunca reparara antes. Mas lá estavam. Cortava-os? Não, ficavam. Até davam um certo ar de graça no meio daquele emaranhado negro, delimitado, curto e bem tratado. Mas se os tinha ali, talvez também... Não, não ia pintar o cabelo, nem pensar. E depois o matizado dava sempre um certo charme. Mesmo assim, depois do duche, voltou ao espelho e inspecionou demoradamente a cabeça. Lá estavam uns quantos. Ternura dos quarenta. Sorriu, condescendente consigo mesma. O gesto final de arranjo deu-lhe a certeza de que estava pronta para mais um dia de trabalho.

Mas que estranha relação esta com o espelho... Aquele, quase sempre, refletia uma imagem que lhe agradava, como se tivessem uma intimidade especial, mas quando era obrigada a viajar e alojar-se em hotéis, todos os espelhos pareciam zombar de si. Só ao cabo de uns dias, quando o trabalho se prolongava, é que começava a descansar ao ver-se quase como em casa. Seriam todos os espelhos mágicos, por isso capazes de aprender a lidar, aos poucos, com o seu dono ou mestre? Bonito, agora até já dava vida às coisas inertes...

Divorciou-se do espelho e saiu à pressa, como sempre. Atrasada e

temendo o trânsito implacável da cidade. Era um momento de apelo a todos os sentidos, mantendo, ao mesmo tempo, uma certa couraça de calma. Nem de propósito, sobressaltou-se. Um automobilista, apressado e mais inconsciente ainda, acabara de insultá-la, guinando para uma ultrapassagem apertada, com a cabeça de fora, que por pouco não fora levada pelo espelho lateral de um camião. Não deve ter ganho para o susto, pensou. De certo modo, também seria curioso ver a cabeça do homem a rolar pelo asfalto, com o corpo ainda aos pulos, guiando ainda o carro até embater no muro da Igreja em frente. Seria uma vingança cruel pelo insulto e por todos os que ouvia quase diariamente. Que coisa mais macabra, logo pela manhã.

Recompôs-se. Aumentou o volume do rádio. No ar, uma rubrica que confrontava o conhecimento noticioso pretensamente masculino e feminino. De uma forma despretensiosa, com *fair play*, cumplicidade e por mero divertimento. Deviam ser assim as relações entre homens e mulheres, sobretudo quando existe um compromisso mais forte, como o casamento, pensou.

Lembrou-se dos pais. Viviam numa casa pequena, muito próxima do mar, despida de decorações. Apenas paredes rebocadas e enegrecidas pela humidade, o teto sem forro, com as vigas de troncos a travarem a armação das telhas vermelhas, por onde se escapavam muitos pingos das chuvas mais fortes. Cozinha, quarto, quarto, com o soalho assente noutros troncos, colocados sobre o chão de um quintal se sobrevivência. Dormia de cabeça voltada para o tabique de estuque que a separava da cabeceira da cama dos

pais. Ouvia coisas pela noite. Primeiro a chegada do pai, a desoras, quase sempre embriagado. A mãe queixando-se, insultando-o. Mais tarde, quando voltara a conciliar o sono, era ele a arengar da indisponibilidade da mãe, ameaçando que iria fornicar com outra. Ela condescendia e então só se ouvia o ranger da cama, ecoando pelas paredes, e o resfolegar crescente do macho dominador. Da fêmea não havia notícia, como se tivesse desfalecido ou caído em sono profundo. Mais provavelmente, limitava-se, passivamente, a deixar satisfazer o desejo tardio do marido.

Refugiava-se, então, nos seus sonhos. Nas histórias de fadas, príncipes e princesas que lia na biblioteca da escola. Pela tarde, nos dias menos frios, escapulia-se até à praia. Descalçava os sapatos e pisava a areia, rodando sobre si, apreciando as próprias marcas. Falava com o mar, que lhe respondia sempre com um rugido de fera amansada, mas inquieta. Catava conchas, construía castelos perenes. Desenhava figuras que nem conhecia, mas que eram os únicos amigos que tinha. Voltava a casa, feliz, em paz com o Mundo.

Quase nunca se abeirava dos pescadores, do outro lado da praia. Temia aqueles rostos tristes curtidos pelo sol e pela maresia. Enredados nas redes, junto dos barcos. Todas as tardes. Para no dia seguinte voltarem ao seu sustento. Alguns morriam. A praia enchia-se de gente. Já noite, mulheres choravam os seus homens. Viúvas sem corpos, para um último beijo de despedida. Rezas, preces. Mas o mar não devolvia nada. Era o tributo do desafio.

Do que se havia de lembrar... Recordações que preferia esquecer e

arrumar num canto qualquer da memória. Um passado com que cortara, logo após o Liceu, quando viera para a Capital trabalhar na empresa, onde ainda estava, e frequentar um curso superior de Filosofia, que ficara a pouco mais de meio. Apostara então em diversas ações de formação de marketing e publicidade, o que se revelara bem mais proveitoso. Voltara à terra poucas vezes e, depois da morte dos pais, havia perdido o contacto com a própria família. Talvez a infância tivesse condicionado a sua vida adulta. Disparate, só lhe faltava psicanálise às nove da manhã, no meio de um trânsito infernal. Mas talvez não fosse uma grande parvoíce...

A verdade é que nunca tivera grande jeito para a vida a dois. Dos poucos namorados mal se lembrava, do ex-marido uma recordação vaga dos dois anos de casamento. Sem discussões, sem bebedeiras, mas angustiantes. Até que ficara farta. O sexo começou por lhe agradar, depois por a aborrecer. Sem explicação. Talvez por ser sempre igual, sem preliminares, encenações, cumplicidades que despoletassem, acendessem o desejo. Podiam ter conversado sobre o assunto, mas com ele parecia tudo bem. Talvez fosse exigente demais e também nunca se sentiu à vontade para lhe expor as suas frustrações, que bem podiam ser sintomas de ninfomania, como quase se convencera.

O trânsito estava mesmo impossível. Nem às dez da manhã estaria na empresa. Bastava uma chuvinha e pronto, toda a gente vinha para a rua dentro do carro. A falta de civismo e a nabice na condução faziam o resto. Um acidente aqui, outro ali e lá estava em andamento parado. Há gente que não

consegue aprender que é diferente conduzir com piso seco ou molhado. Puxou de um cigarro. Não devia fumar e muito menos antes do pequeno-almoço, mas que se lixasse. Estava a ficar enervada. Se com o engarrafamento se com as recordações, não sabia. Mais uma razão para procurar o isqueiro no meio da habitual confusão da mala.

O ex-marido... Credo! Recordações recorrentes, num dia que parecia ter começado bem. Claro que houve a descoberta dos pelos e cabelos brancos, mas que tinha isso a ver com o passado? Tudo bem, condescendia, havia que deixar a mente enveredar pelos seus caminhos sinuosos... Ele, aos poucos, começara a afastar-se. Jantares de trabalho e com os amigos eram apenas os pretextos para esconder um caso. Sentiu o cheiro de um perfume feminino na roupa, mas não quis ligar. Não estava com pachorra para se preocupar com o facto de o marido ter uma ou mais amantes. Quase que até lhe agradecia, porque não teria de fingir orgasmos que deixara de sentir. Foi tudo fácil e rápido. Ele anunciou, meio a medo, que gostava de outra mulher e que iria sair de casa. Perante a estupefação do orgulho masculino ferido, apenas lhe impôs as condições habituais. A casa e alguns móveis. Ainda bem que não havia filhos, porque poderia ser bem mais complicado, sobretudo porque depois deste desfecho preferia nunca mais o ver. Não por a ter abandonado, apenas porque, se alguma vez o amara, há muito que lhe era indiferente. E não era mulher de titubear. Convicções e mudanças rápidas, mas sem comunicação. A sua vida era feita do que a rodeava, não do que se afastara ou ficara para trás.

Finalmente o parque de estacionamento, com a matrícula do carro.

Privilégios de uma executiva de uma empresa de publicidade. Cumprimentou o segurança e a assistente, atirando o corpo dormente na cadeira da secretária. Antes que Helena carregasse o tabuleiro do pequeno-almoço, pediu-lhe apenas um café bem forte. Poucas vezes isso acontecia. Normalmente, não dispensaria os cereais ou, de vez em quando, uma torrada ou um croissant bem besuntados de manteiga e compota.

Abriu o *dossier* da campanha de um novo produto a lançar em breve, por uma multinacional, que os criativos haviam concebido até altas horas da noite. Era gente dedicada, meios loucos ou com um parafuso a menos, como dizia a brincar, mas com ideias fantásticas. Lembrou-se, de novo, do seu último amante. Realmente, era o dia de desfiar a vida toda... Antes dele, tivera apenas um outro caso e muito depois de se ter divorciado. Por medo, mais do que por vontade, afastara alguns pretendentes. Há sempre um enxame de homens a querer debicar uma mulher recém-separada. Sabia que é nessas situações que mais se revela o sentido paternalista ou *maternalista* dos homens. Livre e carente, presa fácil. Não se deixara engodar e adotou uma postura de auto-suficiência, que se revelou uma muralha de aço. Dedicou-se compulsivamente ao trabalho. Se perdeu em emoções ganhou em carreira, adquirindo um estatuto sólido e invejável na empresa. Sem dormir com nenhum administrador. A pulso, pela sua própria vontade e competência.

Claro que teve de tornear o assédio sexual. Saber ser elegante quando lhe apetecia rebentar a cara a alguns machistas de trazer por casa. Mas, aos poucos, mesmo esses foram entendendo que não havia terreno a conquistar, a

não ser em termos profissionais. Foi isso que a seduziu no primeiro amante, porque a soube tratar de igual para igual. Dono de uma média empresa de calçado, querendo lançar-se no estrangeiro, foi quase feroz na negociação, cedendo apenas perante recuos visíveis em termos financeiros. A assinatura do contrato foi pretexto para o jantar. Aceitou o convite, apenas por delicadeza e atendendo a que se tratava de um cliente que merecia uma particular atenção.

Manuel revelou-se uma verdadeira surpresa. Bom conversador, culto, atencioso, parecia uma espécie de cavalheiro em desuso. Solteiro, por opção, dizia que amava demasiado a vida para se amarrar a um compromisso sério. Só casaria quando tivesse, pelo menos, uns cinquenta anos e ainda ia apenas nos trinta e oito. Talvez tivesse sido atraída por esta maneira de ser pouco habitual. Longe de o sentir uma ameaça, enternecera-a a forma com a tratava, como parecia estar seguro da vida. Nem, por um leve instante, deixou transparecer qualquer atitude menos própria, denotadora de segundas intenções. Despediu-se com naturalidade, agradecendo a disponibilidade e enfatizando que, quando voltasse a Lisboa, ficaria muito sensibilizado se aceitasse um novo jantar.

Dois dias depois, Isabel recebia um enorme ramo de rosas vermelhas, com um pequeno cartão branco, onde se lia apenas: “Rosas do Norte para uma moura encantada! Manuel”. Quase chorou. Nunca havia recebido flores de um homem, incluindo o ex-marido. As entregas repetiram-se. O pessoal do escritório gracejava. Ela sentiu-se na obrigação de lhe telefonar, agradecendo.

Combinaram um próximo jantar. A partir daí, as vindas de Manuel a Lisboa sucederam-se, mas acabavam com o nascer do dia seguinte. Era uma relação de que gostava. Sem compromissos, libertando-lhe a cama de deveres certos e amordaçantes. Puro prazer e um amor distante, que vivia de rosas e telefonemas.

Em apenas três meses, o produto fora colocado em diversos países europeus, através de agências locais. O negócio com a empresa de Manuel estava concluído. Este anunciou-lhe que teria de ir a Itália, onde surgira uma boa perspetiva de vendas. Foi a última noite que passou com ele. Nunca mais ouviu a sua voz ou cheirou as rosas do Norte. Talvez se tivesse encantado por uma mulher de Roma ou mesmo por uma Siciliana voluntariosa, que lhe alterasse, irremediavelmente, o lema de vida. Agora sorria mas, na altura, sentira-se quase que abandonada pela segunda vez. Retirara uma lição, sabida mas ainda não aprendida, a de que nunca se deve misturar negócios e prazer e muito menos amor, por mais desprendido que este fosse.

Teve de voltar atrás. Recomeçar desde o documento de apresentação. Assim nunca mais chegaria ao fim do *dossier*. Era ridículo o que lhe estava a acontecer. Ridículo era como se poderia descrever o modo como havia conhecido o último amante. Numa bomba de gasolina, imagine-se. Um tipo elegante, na casa dos cinquenta, atestava o seu *BMW*, topo de gama, enquanto ela desesperava em abrir o tampão do depósito do seu *Fiat Punto*. Ele, apercebendo-se, prontificou-se a ajudar. Agradeceu-lhe e dirigiu-se à caixa para pagar o combustível, antecedendo-o. Quando tudo levava a crer

que não haveriam mais incidentes, o carro resolvera não pegar. Felizmente, lá estava ele de novo. Desfez-se em desculpas, ao ver as mãos do homem negras de mexer nalguns fios do motor, mas ele, limpando as mãos num lenço de papel, e tentando de novo dar à ignição, foi-lhe dizendo que não havia nada a fazer. Estava mesmo sem bateria. Logo nesse dia, que tinha uma reunião marcada para as nove e trinta... Ele aconselhou-a, com um certo ar paternal, a deixar ali o carro e a voltar mais tarde para resolver o problema, oferecendo-se para lhe dar boleia até ao local de trabalho. Aceitou. O homem, sozinho, ainda empurrou o carro até ao local de estacionamento, não demonstrando grande cansaço pelo esforço.

Foram conversando, conhecendo-se um pouco. Arquiteto, bem disposto, Mário, era assim que se chamava, não se queixava de falta de trabalho, por isso, embora lhe agradasse, dispensava os serviços da agência de publicidade, mas quem sabe um dia... Ao dizer onde ficava o *atelier*, Isabel percebeu que ele se desviara em sentido oposto ao seu percurso habitual. Às novas desculpas, respondeu que tinha sido um prazer, nem lhe fazia diferença alguma, já que não tinha nada de especial marcado. Como lhe poderia agradecer tanta disponibilidade, não deveria ter sido, talvez, a pergunta mais adequada, mas sentiu-se obrigada, pelas regras da boa educação. “- Que tal um jantar, quando tiver disponibilidade?”

E houve um jantar e outros se seguiram. Sempre fora de Lisboa, acabando numa casa de férias na Arrábida. Um sonho de vivenda, com uma vista deslumbrante e uma piscina cristalina, refletindo os raios do luar. Era viúvo.

Um homem encantador. Fizeram-se planos para o verão. Tinha um iate em Vilamoura. Um fim-de-semana, juntos e apaixonados, prometido. Nem essa nem outras promessas mais curtas se cumpriram. A primeira zanga fora a última. Nada de importante, mas não suportava que a tratassem como uma escrava. Faz isto, faz aquilo, traz-me... Não, não era moldada para essa submissão. Depois, percebera uma arrogância que lhe mexia com os nervos. E nunca a levara à casa de família, em Lisboa. Lá deveria ter os criados e criadas para todo o serviço. Por ter lá os filhos? Por não se sentir ainda seguro da relação? Talvez fosse verdade. Nem ela. Portanto...

Um marido e um par de amantes. Mas nenhum a satisfizera plenamente em termos sexuais. Que ideia mais absurda! Isabel saiu do gabinete e disse a Helena que se ausentaria por uma meia hora. Precisava de apanhar ar. Refrescar as ideias. Era impossível trabalhar assim. O que a descoberta de uns pelos e cabelos brancos podia provocar... Andou um pouco pela rua, comprou um jornal e sentou-se na esplanada de um Café nas proximidades. Pediu um carioca de limão. Um mendigo esmolava. Tirou um euro da carteira e ficou a observar o homem. Barba comprida, cobrindo o rosto, quase deixando ver apenas o nariz, com a pele esburacada, e os olhos baços. Um casaco comprido, meio esfarrapado, com manchas e sujidade abundantes. Andava pendendo para um dos lados, como se tivesse uma lesão ou uma perna mais curta. Umas botas gastas, de cor indefinida. Quando esticou a mão sentiu nojo. Deixou cair a moeda, evitando o contacto. Um gesto pouco humano, refletiu, amofinada consigo mesma.

Ressabiada com a vida e com as pessoas. Talvez. Há muito tempo que se limitava ao percurso casa-trabalho-casa. Apenas as compras da semana a levavam ao Centro Comercial mais próximo, a poucos metros de onde vivia, nos Olivais. Entretinha-se com muita leitura, alguma música, um quase nada de televisão e com o gato. Um persa genuíno que comprara. O Paxá. Era mesmo isso que ele era. Dormia e comia. Mas era o seu companheiro de todas as noites. Apaparicava-o como a um filho. Filhos? Não os quisera nos primeiros tempos do casamento. Achava que a carreira estava em primeiro lugar. Depois... Não houvera depois, a separação limitara esse projeto a prazo. Nem tia ficara, já que não tinha irmãos. Mãe de um gato... Sorriu, fingindo que o texto do jornal que não lia lhe despertara o bom humor.

Regressou ao trabalho. Estava mais calma, concentrada, senhora de si. Pediu a Helena que lhe trouxesse o almoço, encomendado no snack-bar do rés-do-chão do prédio. Era quase sempre assim, raramente almoçava fora. E naquele dia, por antecipação. Era a falta do pequeno-almoço. Sem mais intervalos, concluiu o estudo do *dossie*r, fez contactos, algumas reuniões, rápidas e concisas, que tempo era dinheiro. Eram quase dezanove horas. Achou que devia pôr fim a um dia pouco produtivo. Apetecia-lhe regressar a casa, descansar, e...

Nos últimos tempos, tinha uma nova ocupação nas noites. Aderira, finalmente, à Internet. A princípio, entusiasmara-se com a pesquisa dos mais diversos assuntos. Depois, descobrira os *chats*. Achou interessante, mas rapidamente se apercebeu que as conversas, sobretudo em privado, com

maior ou menor lábia, conduziam, quase sempre, ao mesmo. Seria que os homens não pensavam noutra coisa? Lembrou-se então de comprar uma câmara de vídeo. Assim, pelo menos, poderia ver o rosto do interlocutor ou interlocutora e entender melhor quem estava do outro lado. A desilusão não tardou. Lésbicas e, sobretudo, tarados, não lhe davam tréguas. Resolveu desistir. Durante semanas nem ligou o computador.

Numa noite, em que não conseguia conciliar o sono, resolveu tentar de novo. Uma chamada, pelo NetMeeting, indicava-lhe que um tal "Vulcano" queria estabelecer contacto. Respondeu como "Anastácia", nome da mãe, que escolhera para *nick*. Estabeleceu-se a comunicação. Resolveu brincar com o parceiro, perguntando-lhe se era *dos inteligentes*. A resposta não se fez esperar: "- Depende, mas quentinho sempre. Neste caso tem mais a ver com o deus romano do fogo e da forja.". Talvez fosse mais um, mas tinha-lhe agradado a resposta. E, de facto, não era. Também ele não parecia estar à procura de sexo virtual, mas apenas de uma boa e salutar conversa.

.....

Carlos olhava o mar. A aragem do fim da tarde salpicava-o com farrapos das ondas. Umas poucas gaivotas traçavam uma dança geométrica em seu redor, como se indagassem da sua presença ou simplesmente se divertissem com o esvoaçar do fumo do cachimbo. Talvez aquele intruso, sentado sobre uma rocha, feito estátua tingida pelo pôr-do-sol, as intrigasse, retardando o seu

recolhimento. Nem um músculo movia. Só o cabelo, comprido e desalinhado, esvoaçava também. Assentara o cotovelo direito sobre o joelho, segurando o cachimbo com a mão. O outro braço repousava sobre a perna esquerda, soerguida sobre uma rocha mais pequena. Os olhos semicerrados pareciam perscrutar o infinito.

Passava muitas tardes assim. A ver e a pensar ou então a ler um livro qualquer. Ver significava apenas que mantinha os olhos abertos e pensar era também uma forma de designar a baralhada que lhe ia na cabeça. Era na leitura que ainda conseguia concentrar-se durante algum tempo. Mas, quase sempre, acabava absorto, recriando cenários. Gostaria de poder escrever os seus próprios poemas e romances. Dar asas à imaginação, navegando na neblina das intempéries ou nas calmarias dos amores não magoados.

Divorciado há muitos anos, adquirira os hábitos e tiques dos homens sós. Despreocupara-se da condição de sedutor. As calças de ganga bem roçadas e uma camisa azul desbotada mas pouco desgastada pelo ferro de passar, semiaberta sobre um peito quase sem pelos, contrastavam com o casaco de cabedal castanho bem vincado pelos anos, com os punhos das mangas desbragados. Prestes a completar quarenta e seis anos, agradava-lhe a cumplicidade consigo mesmo. Por vezes a solidão pesava, mas haviam alguns amigos e agora também a Internet.

Sonhador, pensara sempre que um dia haveria de encontrar uma nova companheira. Esperara, sem procurar. E os anos foram passando. Os amores de ocasião tinham a efemeridade das noites sem história. Acostumara-se a

sentir-se dono da cama que herdara dos pais, trazida de uma longínqua aldeia do interior, de que mal se lembrava e quando lhe vinha à mente provocava-lhe sempre um sorriso pela tipicidade do nome. Nunca mais lá voltara nem tinha saudades. Quedara-se por Lisboa, desde que por cá arranjara trabalho, na função púbica. Pouco depois, ingressara na Faculdade de Economia. Um emprego providencial e o sabor da conquista, da ambição realizada. Foi difícil nos primeiros tempos, mas a vontade superara todos os obstáculos. Curso feito, ingressou num Banco. Depois, o casamento. Bem, havia coisas que não gostava de recordar...

Entretanto, descobriu uma queda especial para a especulação bolsista e ai estava com um saldo positivo invejável, que alimentava alguns caprichos caros. Um bom carro e viagens, ao sabor da aventura, nas férias e nos fins-de-semana prolongados. Tinha uma paixão compulsiva por discos e livros, ora religiosamente alinhados e catalogados, ora amontoados, à espera de uma repentina vontade de por fim à desordem. As paredes da casa iam recebendo, periodicamente, novas estantes, levando os quadros de alguns pintores reconhecidos a um pequeno quarto, transformado numa espécie de galeria de exposições de estética duvidosa. Nos últimos anos, fora acrescentando filmes, mudando de local o quase fanatismo cinéfilo. Incomodava-o a multidão, a tosse dos espetadores, o riso estúpido fora de tempo e circunstância ou até o choro melodramático. O DVD e o *Home Theater* colocavam-lhe o cinema em casa, sem intervalos ou com pausas ao sabor das necessidades. Tinha de esperar sempre algum tempo entre a estreia da fita e o lançamento em disco,

mas compensava. De resto, não tinha mais exageros. Era verdade que sempre almoçava e jantava fora, em restaurantes razoáveis, mas isso era mais uma necessidade que capricho. E feitas as contas, mesmo incluindo o pequeno-almoço na pastelaria do quarteirão, não ficaria muito mais caro do que pagar a uma empregada a tempo inteiro mais os produtos que teria de adquirir, sem considerar o tempo despendido nos hipermercados. Contas de economista, que não tinha de apertar os cordões à bolsa. Um bom gastrónomo que, no final da refeição, não se coibia também do digestivo, de preferência um whisky velho.

Estava bem com a vida e com ele próprio. Uns cabelos brancos, uma ligeira barriguinha, mas a imagem que via ao espelho ainda o satisfazia. Claro que, sendo avesso a dietas, tinha de manter a forma física. Uma hora de natação, três vezes por semana, ia dando conta do recado. Nunca fora ao médico. Sentia-se bem e não alinhava com o *check-up* que os colegas faziam todos os anos, após preliminares quase mórbidos, desfiando as doenças súbitas e crónicas de meio mundo. “- Uma pessoa saudável é aquela a quem ainda não foi diagnosticado nenhum mal. Ou seja, enquanto não for ao médico...”. Era a resposta à insistência dos que o rodeavam. Sabia que isso não tinha qualquer sentido, mas preferia assim. Um dia teria de morrer, como todos. Gostaria de morrer apenas do mal, não da cura e da angústia, que prolonga e faz odiar a vida. Em qualquer caso, irremediavelmente dolorosa. Rápida, indolor, sem atrapalhar ninguém. Era como gostava que fosse a sua morte.

Sorriu, com alguma amargura. Também não havia muita gente para incomodar. Lembrou-se da aldeia onde nascera. Porquê esta lembrança súbita? Pelo ciclo da vida? Talvez. Ou porque, inconscientemente, recordasse a frase célebre do tio Januário que, perante os jornalistas que insistiam em saber se estavam contentes com o primeiro médico que para ali fora destacado, duas vezes por semana, respondeu sem papas na língua: "- Estamos sim, senhor. A única questão é que antes a gente morria quando Nosso Senhor mandava e agora é quando o doutor diz." Pobre aldeia, sem luz, água, nem nada. A sobrevivência marcada na pele curtida pelo sol e nos braços musculados. Gentes com poucos risos e mesmo estes enrugados. A preto e negro, enlutados pelos mortos e ausentes emigrados. Desterro, sombras, contos, imaginários, à luz da candeia a petróleo. Degredos, cheirando a medos, a notícias truncadas.

As galinhas davam ovos e carne, a terra dava o sustento a todos. O porco tinha de durar o ano inteiro. A enxada trabalhava, gastava-se. Desgastava, aos poucos. As espinhas dobravam-se. A terra dava, mas exigia cedo o tributo. As carpideiras eram o lamento interiorizado, escondido pelo orgulho dos da casa. "Em casa, um homem é rei, mesmo morto são precisos quatro para o levarem." Felicidade de quem se contenta com pouco, do pouco que tem, enquanto está vivo. Rezas. Encomendar a alma a Deus, mesmo que se passasse pelo purgatório, era como imaginar ir de comboio à Capital. Sempre era melhor do que o Inferno em que se vivia.

A mãe trôpega, quase cega. O pai *engigado*, precocemente velho, mas

voluntarioso, teimoso, inquebrável. “- O que vais fazer para Lisboa? Lá por teres estudado no Liceu, não és diferente. O teu lugar é aqui, a amanhar a terra, a ganhar o nosso sustento!” Morreram cedo, ambos. Quase ao mesmo tempo. Sem lamúrias, vendeu a casa e as poucas terras. Herança retida: apenas a cama de casal, de pinho robusto, feita pelo próprio pai. Dormia numa relíquia de família.

O cachimbo apagou-se. As gaivotas haviam-se desinteressado da curiosidade e recolhido ao descanso. O sol iluminava outro quadrante. Não lhe sucedera a lua. A noite estava escura e húmida. O céu ameaçava uma tormenta repentina. Meteu-se no carro e rumou a um restaurante nas imediações. Jantou paulatinamente, olhando a decoração da sala, típica, puxando para o requintado. Fora num restaurante destes que começara a sua vida de solitário. Lá vinha o casamento de novo... Mas que mal faria recordá-lo, ao cabo de tantos anos?

Casara cedo. Com uma colega de Faculdade, loira, bonita, desinibida. Apaixonara-se ao primeiro olhar, soerguido sobre os livros, na biblioteca. Passaram a estudar juntos. O resto veio naturalmente, como se nada pudesse evitar uma relação para toda a vida. Mas as pessoas mudavam. Ou se calhar não. Vão refugiando-se em pequenas conquistas e esperando que o que desagrada seja moldável com o tempo. E o tempo passa e as diferenças acentuam-se. Talvez também nem todos estejam à altura de uma relação a dois. Em vez de tentarem uma aproximação aos padrões do parceiro, contraem o seu próprio universo. O afastamento é inevitável.

A verdade é que deixara de suportar as manias de grandeza da mulher. Teresa adquiria, quase compulsivamente, o que de mais caro havia, sobretudo roupas, perfumes e joias. Não era uma questão de orçamento, apenas de futilidade. Detestava anéis, pulseiras, colares, enfeites desnecessários. Claro que aceitava que pensassem de modo diferente, em nome de um qualquer valor da beleza ou simplesmente porque fazia as pessoas sentirem-se melhor consigo mesmas. Mas o exagero perturbava-o. "- Pareces uma árvore de Natal!" Ela ficava furiosa e amuava por dias seguidos.

Teresa estava empregada numa grande empresa do ramo alimentar. Ganhava bem, aumentando constantemente o guarda-fato e a coleção de objetos inúteis. Começara a chegar tarde, com crescentes jantares de trabalho. Conversara com ela. Era altura de pensarem em constituir família. A vida não exigia tanto trabalho e sacrifício. Era preciso viver. Talvez fosse mesmo altura dela arranjar uma ocupação menos absorvente e ficar mais por casa. Teresa não cedera. Falou-lhe de ambições, do que ele não parecia ter. Queria chegar longe, não ficar amarfanhada no sofá, vendo a vida a passar. Eram visões diferentes e não conciliáveis. Sentira que o momento de uma inevitável separação estaria próximo.

Dias depois, Teresa insistiu para que fosse com ela a um jantar da empresa. Aceitara, porque entendeu o convite como um modo de afastar os fantasmas que perturbavam a relação. Mas não. Pareceu-lhe antes o modo indireto de lhe dizer que tinha quem gostasse dela como era. Não se coibiu de demonstrar mesmo um afeto especial por um dos administradores, enquanto

dançavam ao som de uma música romântica. Sentiu-se envergonhado e traído, na frente de todos. O caminho de regresso decorreu em silêncio absoluto. Se o jantar fora de trabalho, havia sido muito pouco produtivo, menos em termos da mensagem óbvia. Em casa, impunha-se esclarecer as coisas...

Teresa ouvira-o com aparente atenção, mas não quis ripostar. Não havia nada a dizer. E foi deitar-se sem mais comentários. Ele dormiu no sofá, com a cabeça cheia de contradições. Talvez desse demasiado relevo à dança, ao relacionamento dela com o tal administrador... Não, havia realidades tão palpáveis que não se podiam dourar. Chegara a altura de tomar uma decisão. Ela acordou ainda sem vontade de falar. Disse-lhe apenas que ia tomar o pequeno-almoço ao Café do bairro e que preferia ir sozinha. Quando voltou, comunicou-lhe que ia sair e só voltaria no Domingo à tarde. Assim, sem mais nem menos.

Ficara sem saber o que pensar. Talvez ela quisesse refugiar-se e refletir, ou, mais provavelmente, dar-lhe a entender que podia muito bem passar sem ele, atirando-se para os braços do outro. Sentira-se angustiado. Não era de fazer dramas, mas teria preferido que ela lhe tivesse dito a verdade. Ninguém morre por se divorciar. Teresa telefonou-lhe no fim da tarde de Domingo, comunicando-lhe, num tom seco e indiferente, que na Segunda-Feira, durante o dia, iria buscar as suas coisas. Depois, conversariam sobre os detalhes da separação, como pessoas adultas...

Estava consumado. Doeu-lhe ter sido assim. Como era possível, ao cabo de mais de cinco anos de namoro e casamento, ela sair sem uma réstia de

compaixão ou de remorso? Atirando-o para o lado, como um capacho incómodo, que já não serve para limpar os pés... Uma amargura doentia tolheu-lhe os movimentos. Ficou assim, durante horas. Umas lágrimas rebeldes escorreram-lhe pelas faces, fazendo-o vivo. Ainda pensou em ligar-lhe para o telemóvel, mas resistiu. Estava demasiado magoado e não havia mais nada a dizer.

Na Segunda-Feira, regressou a casa só após o jantar. Quisera dar espaço e tempo a Teresa para levar o que quisesse, como lhe tinha dito. Ela fora parca. Além da roupa e dos objetos pessoais, limitara-se a levar alguns pequenos móveis de estimação. Mesmo assim sentiu a casa nua. Um bilhete, junto do telefone fixo, dizia-lhe que não queria mais nada, a não ser o que lhe poderia caber no valor do apartamento, já que havia sido comprado e pago por ambos. Se não quisesse vender, poderia pedir uma avaliação, que julgava poder rondar os duzentos e cinquenta mil euros. Poderia contactar com o advogado dela, para acertar todos os pormenores.

Não quis saber de nenhuma avaliação. Contactou o advogado no dia seguinte. Pediu-lhe que tratasse de tudo e aguardou que a ação de divórcio decorresse. Nunca mais falou com Teresa, nem na audiência no Tribunal. Ao voltarem costas no corredor do Palácio da Justiça, num impulso incontrolado, olhou para trás. Ela fez o mesmo. Estranho. Um arrepio percorreu-lhe a espinha. O olhar dela parecia toldado. Como se lamentasse, lhe pedisse, finalmente, desculpa. Um fim sem sentido, entre pessoas adultas. Mas, por outro lado, talvez fosse melhor assim. Quando se fala, nem sempre se gerem

as palavras e, por vezes, magoa-se.

Ao regressar a casa, sentiu-se ainda mais sozinho, naquelas quatro assoalhadas de Benfica. Apesar de começar a habituar-se à ideia, a separação definitiva custou-lhe mais do que poderia alguma vez imaginar. A depressão que se seguiu, quase acabava com o emprego. Valeu-lhe o psiquiatra e a compreensão dos colegas e de alguns amigos. Mas essa atitude, em tom quase sempre paternalista, fazia, por vezes, doer mais que as mágoas. Não precisava de se sentir um coitadinho, apenas uma pessoa normal com um problema superável. Esta constatação fizera-o reagir. Que diabo, não era o único homem abandonado nem seria o último. Estava vivo, de boa saúde e apesar do que tivera de pagar pela casa, ainda lhe restava mais do que suficiente para gozar a vida.

Um dia acordou com a disposição de abraçar o Mundo. Deitou alguns móveis fora, com a ajuda do porteiro do prédio, que lhes deu destino imediato. Ficou apenas com os que havia escolhido no ato da compra. Queria reduzir ao mínimo todas as recordações. Olhava para a cama de família como uma vingança. Ela nunca gostara deste adereço e, por muitas vezes, quis substitui-la, mas ele não cedera. Agora recuperava algo de seu. Mais importante, o seu próprio ego, despido de um passado ainda incómodo. Habituou-se a viver sozinho. Experimentava mesmo uma satisfação, quase mórbida, ao sentir-se liberto dos cheiros de certos perfumes e do tilintar de algumas pulseiras. Chocalhos do rebanho do tio Jacinto, outro homem avisado, lá da terra perdida no tempo. O tempo que também cura as dores da alma. E ele estava curado.

Prova era que se permitia agora brincar com o passado, sem qualquer constrangimento.

Carlos acabara o jantar, saboreando agora um café e o costumeiro whisky, um pouco à pressa. Alguém o esperava, em casa, como quase todos as noites, algures nesse espaço cibernético disperso que afasta mas também junta. Uma relação que mantinha quase como um ato essencial de vida. Não entendia muito bem porquê, mas não dispensava aquela hora ou duas de conversa. Tinha sido um mero acaso, quando já se desinteressara dos *chats* e da comunicação por vídeo.

Encontrara de tudo um pouco. A princípio não compreendera como os *chats* estavam permanentemente povoados com os *nicks* mais incríveis. As conversas, nas salas temáticas ou por idade, eram, geralmente, de uma pobreza confrangedora. O insulto fácil surgia, por vezes, com uma violência atordoante. Em privado, imaginava o que se poderia *teclar*, mas, com certeza, em muitos casos, não seria de uma grande elevação. Depois foi percebendo que havia de distinguir gerações, entender a linguagem, mais ou menos livre, que era utilizada, as abreviaturas cheias de significados. Despir o alter-ego, de quem se esconde no anonimato. Compreender as razões, a solidão, a simples vontade de comunicar. Enquadrar tudo no vórtice que é a vida de hoje. Raras vezes havia mantido contactos duradouros. Tinha uma pontaria afinada para mulheres com algum desequilíbrio. Frustradas com a vida e com os homens. Não tinha pachorra para fazer de psiquiatra, um foro de que ele próprio fora paciente. Mas, para ser justo, encontrara também gente inteligente, com nível,

culta. Sobretudo professoras que, talvez contagiadas pelos alunos, sabiam usar a Internet como meio de aproximação das pessoas. Mesmo assim, concluíra que esta novidade não o seduzia.

Numa noite mais longa, espicaçado por aqueles fantasmas que teimam em reabrir feridas, deu por si listado num diretório de videoconferência. Percorreu os nomes de cima abaixo. Nenhum lhe pareceu suficientemente interessante para chamar. Numa segunda passagem, verificou que "Anastácia" acabara de entrar. Um *nick* russo. A filha do último Czar, Nicolau II. Afinal estava viva, após tanta preocupação em demonstrar-se o contrário. Sorriu. Que perdia em tentar?

Gostou daquele rosto cuidado. Tocou-o a conversa com aquela mulher despretensiosa, mas senhora da vida. Sentiu que as noites, a partir daí, poderiam ser compartilhadas. As afinidades foram surgindo e a "Anastácia" transfigurou-se em Isabel e o "Vulcano" em Carlos.

.....

O contacto desse dia tinha um tema definido, um texto de cada um, previamente enviado por correio eletrónico e que seria objeto de comentários mútuos. Era uma experiência nova para ambos, mas que apelava à imaginação e fazia sentir menos fútil o diálogo. Isabel e Carlos escreveram:

"Uma gaivota do Tejo invejava os barcos que largavam a barra, rumo ao

desconhecido. Já experimentara segui-los, mas as asas começavam a pesar por altura do Bugio. Pousava no Farol, recuperando forças, e voltava desalentada ao cais de Alcântara.

O bando censurava-a por esta obsessão, mas ela não se conformava com o destino que lhe haviam traçado. Certo dia, apercebeu-se da entrada de um enorme veleiro. Sondando a tripulação e os seus afazeres, descobriu que estava a dar a volta ao Mundo.

Quando o barco se fez ao largo levava mais um passageiro. A gaivota do Tejo adejava as penas sobre o mastro principal. A tripulação acolheu-a como mascote e alimentaram-na. Percorreu muitas milhas, conheceu muitas terras estranhas, fez amizades com outras aves e até, esporadicamente, com golfinhos e baleias em mar alto. À noite sentia uma ponta de saudade do seu bando e do marulhar calmo das águas do Tejo, mas a sua felicidade era maior. Em ocasião alguma, por maior que fosse o chamamento do sangue, se sentiu arrependida.

A Sul da China, rumando a Hong Kong, o veleiro foi apanhado por um Tufão descomunal. Naufragou e todos os tripulantes foram engolidos pelas águas. A gaivota tentou ainda chegar a terra, mas em vão. Os ventos eram demasiado fortes para a sua frágil constituição. Enquanto era empurrada para baixo pela chuva torrencial, apercebendo-se do fim, desejou, por instantes, nunca ter saído de Lisboa. Mas depressa entendeu que assumira os riscos da opção que havia tomado e que não se arrependia de nada. Morreria mais cedo que a média de mortalidade do seu bando, mas a sua vida tinha sido muito

mais intensa e feliz do que a das suas companheiras.

Tragada pelo mar, foi o fim da história da gaivota do Tejo. Quando a notícia chegou a Alcântara, o bando dividiu-se. Umas achavam que se tratava de uma imprudência, uma atitude premeditada de suicídio. As outras lamentaram a perda, com umas lágrimas ao canto dos olhos, mas também com uma ponta de inveja que alimentaria muito sonhos e desejo de aventuras:".

(Isabel)

"Adérito subiu ao penedo mais alto da serra da aldeia, donde se pôs a esbracejar e a gritar. Do casario só se via pouco mais que um ponto em movimento. Intrigados, os aldeões foram subindo até descortinar a figura do velho. Mas ficaram na mesma, já que ninguém teve pachorra para gastar forças além do razoável. Viam-no ainda ao longe, ao cimo, frenético, e apenas ouviam uns sons impercetíveis, entrecortados pelo vento do fim da tarde.

O Formiga subiu mais um pouco, até ficar a meia distância entre o púlpito e a assistência. Instado pelos outros, começou a retransmitir a mensagem: "- Ele está a dizer que o fim do Mundo está próximo e se não se arrependerem dos vossos pecados vão todos para o Inferno... Foi o Arcanjo Gabriel que lhe disse isso esta manhã, pelo raiar da aurora... Ele viu-o, com asas e tudo... e com um grande brilho à volta... O fogo do Inferno espera-vos, desgraçados. Arrependei-vos!".

Nisto, ouviu-se um grito maior e o Adérito, de braços abertos, atirou-se em

voo picado, como um pássaro que se esquecera de abrir as asas. Rasou a cabeça do Formiga e acabou, num baque surdo, sobre uma rocha aberta entre as silvas. Todos se quedaram perante o corpo, retirando o chapéu, enquanto o Formiga descia, afobado, para se lhes juntar.

Adérito tinha sangue na barba branca, que lhe escorria de um canto da boca. De resto o corpo parecia inteiro, apenas estremecendo, num torpor de moribundo. O velho que todos respeitavam finava-se após um momento de loucura. Nunca lhes passara pela cabeça que pudesse morrer assim. Um homem rijo, cheio de vida, grande no saber de experiência feito, tresloucara sem que ninguém desse por isso.

O que lhes fazia mais confusão era ele, com os seus setenta anos, ter conseguido subir até onde nunca ninguém tinha ousado e se pôr a falar de pecado e arrependimento, ele que até nem ia à missa. Era um mistério. Mistério que perdurou pelos anos seguintes, mas cada vez mais adocicado pelas fantasias, de boca em boca. A última, que mais se parece com uma lenda, dava o velho Adérito como um ermitão que para salvar o povo da sua aldeia da descrença e falta de fé em Deus, sacrificara a própria vida, tal como Jesus, para fazer com que os homens se arrependessem dos seus pecados. E acrescentam que este Santo Homem ainda aparece, por vezes, ao lusco-fusco, sobretudo nos dias mais tristes e sombrios, no alto do penedo, pregando aos pastores e caçadores furtivos. É quando aparece uma cruz, desenhada a fogo, sobre os penedos inferiores, sinal divino de um local sagrado. Mas a inacessibilidade do local e os medos têm impedido, até agora,

que seja ali erigido um Santuário.”.

(Carlos)

Carlos vestia uma t-shirt e uns calções largos. Ligou o computador e o leitor de discos compactos, onde colocou o primeiro de uma coleção de músicas de filmes famosos. Abriu a televisão num canal de notícias, quase sem som. Um hábito já distante, que o fazia manter-se a par do que se passava pelo Mundo. Clicou no *Windows Messenger* e ficou a aguardar que “Anastácia” ficasse *on-line*. Enquanto esperava, ia preparando o cachimbo, com o ritual que se impunha a um apreciador inveterado. Ao lado do cinzeiro, um copo refletia o tom dourado de um whisky bem amadurecido.

Isabel não demorou. Chegara a casa tarde e cansada. Comera à pressa alguma fruta e flocos de cereais. Porque aquela hora era quase sagrada e só em último caso, por impossibilidade de um deles, não se cumpria. Enquanto esperava a ligação, puxou de um cigarro, lançando para o ar uma baforada longa. Convidou-o, de imediato, para a videoconferência. Nas janelas de vídeo começaram a definir-se os bustos. A caixa de conversação abriu, sinal de que estavam em contacto.

- Olá. Como estás?

- Bem. E tu e o Paxá?

- Ambos bem. Gostei do teu texto, que reflete bem a tua pouca convicção sobre a fé religiosa, já que o percorre uma ironia quase mordaz.

- Aceito. E o teu a inegável capacidade de sonhares, apesar da tua lógica aparente, colocando em primeiro plano a felicidade, mesmo que breve.

- Talvez que os desgostos da vida nos façam sobressaltar o subconsciente e levar-nos num sonho qualquer que, na prática, sabemos que nunca se irá realizar. Quanto à minha aparente lógica, concordo que não seja facilmente conciliável com o sonho, mas acaba por ser um elemento fundamental à vida.

- Concordo e também pratico, mais do que gostaria. Mas se a acho necessária, fica-me o sabor da perda das emoções, dos pequenos nadas que dão sentido à existência.

- Ou seja, na verdade, ambos não somos do tipo terra-a-terra, mas aprendemos, por força das circunstâncias, a dosear os sentimentos. Ou melhor, a escondê-los quando não convém.

- Talvez. Mas nestes casos, há quem diga que se trata de um vulcão adormecido, prestes a explodir quando menos se espera.

- Ena... Não estou nada a ver-te a explodir, mas é uma imagem bonita. Já agora o que queres significar com a loucura repentina do velho Adérito? É também o vulcão que extravasa?

- Em parte sim, mas aí é mais o transbordar, o quotidiano que cansa e muda-se tudo, de repente, mesmo a fé que não se sentia. É também o gesto último de quem gostaria de ser recordado por algo fora do vulgar e a alegoria de que o facto, deturpado pelo tempo, cria uma imagem, uma história, uma mentira tornada verdade. Tal como a tua gaivota mexeu com o bando do Tejo.

- No fundo, acho que, de modos diferentes, percorremos um idêntico

itinerário e chegámos à mesma conclusão...

- Boa noite, Senhor Paxá!

- Eh, eh... Hoje resolveu vir fazer-me companhia.

- E, para fazer jus ao nome, já está a dormir. Deve ser por ficar mais perto das festinhas da dona. Quem me dera ser gato... (risos).

- Quem sabe não foste ou ainda serás noutra geração...

- Não me importava, desde que a dona fosse como tu.

- Ah, ah... Que simpático. Mas hoje o tema não era esse...

- Mais um atentado no Iraque... Isto nunca mais acaba.

- Estás a ver televisão?

- Tenho a televisão ligada, embora quase sem som. E estou também a ouvir um CD.

- E ainda consegues teclar comigo?

- Claro. Consigo abstrair-me de tudo, quando teclo contigo.

- Pois... Mas o que leva esta gente fanática a este desprezo pela vida humana, matando gente inocente que, muitas vezes, até condena as políticas seguidas pelos seus próprios governos? Parece uma espécie de Guerra Santa ao contrário?

- Talvez que tenha a ver com um ajuste de contas com o passado, com o desprezo a que votámos os povos árabes. Fundamentam-se no Corão, tal como os católicos se serviram da Bíblia para justificarem os seus maiores pecados. Mas também não deixam de aproveitar o desequilíbrio entre riqueza e pobreza, entre países com poder e países explorados.

- Claro. A nova colonização. O Norte e o Sul. A mão-de-obra barata. A delapidação de recursos, como o petróleo, muitas vezes sem que isso signifique melhoria da qualidade de vida de quem vive onde existem. Preocupa-me a ideia de que este tipo de terrorismo tem várias cabeças e milhares de tentáculos, donde será quase impossível aniquilá-lo.

- É verdade. Talvez só quando houver uma justa repartição das mais valias e todos tiverem iguais oportunidades se possa deixar de temer este flagelo. Mas, mesmo então, continuará a haver quem lute por uma causa qualquer e considere legítimo matar para atingir os seus objetivos.

- Livra. Em poucas palavras, reconduzistes a raça humana à sua mais negra condição. Parece que não há mesmo esperança. E consideras-te um otimista!...

- Ops... Mas realmente não acredito muito na regeneração da humanidade. E também não me apetece nada seguir ideias como a da pureza da raça ou, já no campo da ficção, o controlo absoluto dos genes, depurando defeitos e criando a perfeição. A liberdade de pensamento e de escolha se dão lugar a desatinos também nos fazem crescer e superar.

- Apesar dos riscos, também me agrada ver a humanidade tal como é. E, no que nos diz respeito, valha-nos o país dos brandos costumes. Podemos ter muita coisa má, mas, pelo menos, não temos terrorismo nem separatismos.

- Felizmente não, agora. Mas não te esqueças das FP 25 de Abril e da FLA e do MIA.

- Das FP lembro-me. E os outros eram?...

- A Frente de Libertação dos Açores e o Movimento para a Independência do Algarve.

- Ah! Essa última pareceu-me ter a ver com o meu Paxá. (Risos).

- Eh, eh.... Mas, voltando à questão, supõe que impunham aqui um regime “Tailibã”. Já te imaginaste de “burka”?

- Credo! Nem quero imaginar, mas olha que muitos homens ficariam satisfeitos com a ausência de concorrência das mulheres.

- Lá estás tu... Nem me pronuncio. Só concordaria se também houvesse a regra de que um mesmo homem pudesse ter várias mulheres. (Risos).

- Engraçadinho...

- Então não sabes que o sonho de qualquer homem é ter um harém? Esta questão da monogamia foi uma imposição pouco prática.

- Essa agora! E para que querias tu um harém? Aguentavas tantas mulheres ao mesmo tempo?

- Só experimentando. Com algum descanso pelo meio...

- E se colocássemos a questão ao contrário? Tenho a certeza de que já não te agradaria tanto. Até já sei o que irias responder, refugiando-te na cultura, educação, etc..

- Pois... Tiraste-me as palavras da boca.

- Acho que, apesar da sinceridade, és um bocado machista, deixa-me que te diga. Os homens têm sempre de colocar as coisas numa perspetiva de sentido único. Eu não tenho nenhum homem e não morro por isso. E, ao que julgo saber, também não terás nenhuma mulher...

- Puxa! A senhora objetiva de sempre. No que me fui meter. Isto deve ser uma tática do Bin Laden para destabilizar a nossa relação...

- Coitadinho! Mais um com a síndroma. Pronto, deixa lá o homem em paz, no esconderijo ou no túmulo. Não arranjes desculpas esfarrapadas. Lamento, mas hoje sinto-me muito cansada, acho que vou dormir.

- Estava a brincar e a provocar-te, naturalmente. Espero que não tenhas ficado chateada.

- Claro que não. Sei que estavas a fazer ironia, mas, no fundo, não deixas de ser machista, como a generalidade dos homens. Por todas as razões que ambos conhecemos. E não vejo isso como algo de insuperável. Apenas um facto, com o qual temos de lidar e viver.

- Dizes isso num tom magoado, como se fosse quase uma doença crónica.

- Ah, ah... Pode ser uma doença, mas tem cura se for diagnosticada a tempo e tiver o tratamento adequado.

- Gostei. E achas que, no meu caso, posso ainda ter esperança?

- Tanto quanto te conheço, atrevo-me a dizer que sim. Digamos mesmo que estás no bom caminho. Tens é umas recaídas de vez em quando. (Risos).

- Obrigado, senhora doutora, hoje vou dormir muito mais descansado!

- Ah, ah... Ainda bem. E eu vou já. Desculpa, mas chegou a hora da *Cinderela.*

- Mau. Espero que não deixes cair nenhum sapatinho nem venha um príncipe à tua procura...

- Nem em sonhos, fica tranquilo. Mas olha que isso é uma manifestação de

sentimento de posse e... Ai!... Hoje não quero falar mais deste assunto.

- Eh, Eh... Acho bem. Beijinho para ti e festinhas ao Paxá. Adeus.

- O Paxá retribui com um “miau” e eu com outro beijinho. Tchau!

Era assim. Falavam de coisas sérias e brincavam com as palavras, como em qualquer conversa. Aos poucos, o conhecimento que iam adquirindo um do outro ia-lhes permitindo invadir espaços até aí reservados. Era uma relação virtual já duradoura, que os fazia questionar, mas sem respostas plausíveis. Apenas sabiam que se tornara indispensável este encontro das noites. Era como uma obrigação de que não queriam desobrigar-se. Contradição. Mas a vida não é isso mesmo? Talvez. Haveria uma amizade, que se tivesse cimentado? E se fosse a paixão ou o amor matreiro? Ou ambos, infiltrados como um vírus que, sem aviso, entra e vai tomando conta dos arquivos, corroendo os ficheiros, bem guardados e até aí inexpugnáveis?

Este apego exagerado ao computador quase lhes informatizara os comportamentos. Linguagem binária, incapaz de traduzir, mesmo em números, uma relação contra a lógica. Sorriam, por vezes, quando se davam conta destes disparates que a mente engendra. Como se não bastasse o diálogo virtual noturno, ainda o prolongavam, em monólogo, durante o dia. Consequências de viciados. Há sintomas diagnosticados: dependência, insociabilidade, fuga aos problemas... Caramba, era bem possível. Estavam doentes, a necessitar de ajuda. Sorriam, de novo. Bem, embora não havendo problemas de que quisessem fugir, a verdade é que quase não conviviam com

mais ninguém nos últimos meses, apenas porque preferiam estar um com o outro, mesmo virtualmente. E só nessa medida se sentiam dependentes. Donde, a conclusão lógica, se não estivessem atacados pela obtusidade, parecia clara. Mas preferiam não a pronunciar. Feridas, mesmo saradas pelo tempo, podem reabrir-se a qualquer momento. Então, deixam as veias, as artérias, à mostra, o corpo esventrado, à mercê. E nunca mais se curam.

Tantos medos. A autoconfiança, inquebrável no trabalho, cedendo tão facilmente numa simples relação virtual. Porque não assumir? Pelo menos, deixar caminho livre ao curso dos acontecimentos. Logo se veria... Sim, mas depois? Preferiam abortar os pensamentos. Adotar a ideia inicial do poema de Fernando Pessoa: “Dorme enquanto eu velo... / Deixa-me sonhar... /Nada em mim é risonho./Quero-te para sonho/Não para te amar.”.

.....

- Olá. Tudo bem contigo e com o Paxá?

- Sim. E contigo também?

- Já reparaste que estas frases iniciais são quase uma marca?

- Marca?!

- Sim, sempre iguais. Parecem aquelas cartas de família: “Escrevemos esta para saber se estão todos bem. Nós, por aqui, vamos indo na graça de Deus.”.

- Entendi. Mas geralmente acrescentam: “Menos o tio Gervásio que está outra vez com dores nas costas, o médico já lhe disse que tem de deixar de

trabalhar, mas ele não liga, sabem como é o feitio dele, o teimoso de sempre.”. Têm sempre de falar de uma desgraça qualquer.

- Ah, ah... É verdade. Mas isso é um síndroma dos portugueses. Gostamos de viver numa certa morbidez. Não conseguimos despegar-nos da desgraça. Interiorizamos o fatalismo.

- Uau! Que começo! O tema de hoje promete uma grande abordagem sociológica e filosófica, passando, naturalmente, pela política e pela economia. Uma análise profunda do país, nos seus múltiplos aspetos, buscando razões, identificando problemas e encontrando soluções. Um debate necessário, mas sem termo à vista...

- Espertinha... E vai ficar assim mesmo, porque hoje não estou para dramas. E, mudando de assunto, parece que estás com frio, a avaliar pelo roupão.

- E estou mesmo. Está aqui um frio de rachar. Mas, ao contrário, tu deves estar em pleno verão.

- As aparências enganam. Tenho um aquecedor mesmo junto dos pés.

- Bem sabia que me tinha esquecido de alguma coisa. Espera um pouco...

- Ah, agora está melhor. Desculpa a interrupção.

- Não faz mal, estava a ouvir um CD – “Romantic Piano”.

- Quer dizer que hoje estás numa de “love”?

- Ora, estamos sempre. Não é?

- Pois... É verdade, mas puramente virtual. Para tua informação, faz hoje seis meses que nos encontramos por aqui. Oito de Outubro do ano passado.

Nem te deves lembrar, claro.

- Claro que me lembro. Se isto fosse um namoro já estávamos casados. (Risos).

- Não sejas mentiroso. Os homens nunca se lembram dessas coisas. Mas o que é mais engraçado é que não nos entediamos com a conversa, porque arranjamos sempre um tema diferente, mesmo que se trate de banalidades. Não deve ser fácil encontrar uma relação tão duradoura pela Internet entre pessoas que não se conhecem. Falo por mim, naturalmente.

- Acho que tens razão, por ti e por mim. Adoro estar contigo estes bocados da noite. E, bem vistas as coisas, apesar das divergências, temos muitas afinidades. Que tal comemoramos o nosso primeiro meio aniversário?

- Seria uma boa ideia, mas não tenho bolo nem champanhe.

- Eu também não, mas pode ser apenas com um bebida. Vê...

- Whisky. Hoje vou abrir uma exceção e acompanho-te com a mesma bebida. Espera um pouco...

- Por muitas mais noites de boa e animada conversa. À nossa!

- À nossa! Acrescento às tuas palavras um beijo grande e doce.

- Recebido, ainda quente e morno, e retribuído em dobro.

- Acho que fica mais real se te aproximares da câmara... *Chuac*!

- De facto, foi quase real. Até fiquei com calores.

- Eu também e não é do aquecedor, garanto. (Risos).

- De que será então?!

- É melhor não dizer. Ainda apanhava e não gostaria, mesmo nada, de por

fim à nossa relação com uma palavra mais ousada.

- Ah, ah... Então ficas desobrigado dessa preocupação. Afinal, estamos a comemorar. Podes dizer à vontade, que não me ofendo.

- Assim sendo... Bem, queria significar que estava a ficar com desejo de ti.

- E que tem isso de mal? Talvez eu também experimente o mesmo. Será que por aqui também se podem sentir emoções?

- Acho que sim. E no meu caso são bem reais. Aliás, confesso-te que não é a primeira vez que me sinto assim.

- Podes ficar surpreendido, mas também me acontece e, por vezes, tenho de fazer algum esforço, para que não te apercebas.

- Acho que isso não tem nada de mal. Ao cabo de tanto tempo, falando de tudo, seria expectável que baixássemos as defesas e tivéssemos momentos mais íntimos.

- Lembras-te que prometemos que nunca nos encontraríamos, donde isso nunca será possível.

- Claro que lembro. Mas não me referia necessariamente a um encontro real.

- Estás a querer insinuar que podíamos fazer amor virtual? Isso é possível?

- São palavras tuas. Quanto ao ser possível, dizem que sim, embora nunca tenha experimentado. Na realidade, deve ser uma espécie de masturbação assistida.

- É uma expressão engraçada, mas pouco romântica, prefiro, apesar da frieza, “amor virtual”. Eu também nunca experimentei.

- Tens razão, essa designação é mais feliz. Queres tentar?

- Não sei. Não me sinto muito à vontade...

- E se falássemos em vez de teclar?

- Assim não fica ainda mais difícil?

- Talvez... Mas, com imagem e som, talvez fiquemos também mais próximos da realidade...

Isabel e Carlos colocaram os auscultadores com microfone. Era raro esta opção, porque a maior parte das vezes o som ficava entrecortado, com ruídos ou eco, e, sobretudo, porque se sentiam mais à vontade escrevendo e sondando a reação do outro no ecrã. Aquela intimidade súbita aterrava-os. A pretexto da comemoração, tinham embalado para terrenos até aí proibidos.

Carlos sentia que devia ser ele a dar o mote, não por uma questão de machismo, mas simplesmente, porque fora ele a provocar a situação. E não lhe apetecia recuar. Estava demasiado excitado para pensar em filosofias. Isabel sentia o calor a subir, escaldando-lhe os seios e as faces. Ficara húmida, como se estivesse nos braços de um homem por quem sentisse uma forte atração.

Falaram durante breves momentos sobre as condições do som. Depois sobre umas banalidades, que meteram o Paxá, uns piropos a quase despropósito, mas com a recetividade própria dos momentos em que o desejo conecta, até que Carlos, sem saber muito bem por onde começar, sugeriu um *striptease* a dois, alternado, peça por peça. Isabel, renitente a princípio,

acabou por condescender. Os corpos foram mostrando formas, revelando segredos, despindo-se de preconceitos, exalando contágios. Desinibidos, a voz fazia saborear beijos, toques subtis, carícias. Preliminares de um coito sem introdução, mas como se estivessem fisicamente em contacto. Sincronia perfeita na imaginação e até no momento do orgasmo. A fala perdeu-se com os últimos gemidos de prazer. Retiraram os auscultadores e voltaram à caixa de conversação.

- Estás bem?

- Estou. E tu?

- Ótimo. Embora possa parecer estranho, gostei muito.

- Também gostei. Só que teria vergonha de o dizer pelo microfone. Ainda nem acredito que fui capaz de fazer isto.

- Também nunca me imaginei a fazê-lo, mas a verdade é que me soube bem, muito bem. Depois, não posso deixar de te dizer que tens um corpo fabuloso. Uma surpresa total.

- Retribuo o elogio. Devia ser apenas o que faltava conhecer um do outro. Agora temos a história completa (Risos).

- E um namoro também?

- Nem penses. Sabes que não quero compromissos.

- Eu também. Mas referia-me a um namoro meramente virtual.

- Assim sendo, aceito.

.....

Os dias sucederam-se. O sexo virtual ia acontecendo, ao sabor dos momentos em que as palavras carregam mais as emoções ou simplesmente o desejo toma conta dos corpos. Isabel e Carlos sentiam-se mais soltos, até mais sociáveis no trabalho, o que não escapava a alguns colegas mais perspicazes. “- Temos mouro na costa!”. Não respondiam, esboçando apenas um leve sorriso, comprometidos. Virando costas, davam-se a interiorizar da estranheza desta relação. A única explicação plausível era a de que a doença tinha entrado numa fase aguda, à beira de um quase não retorno. Mas, a realidade desta relação virtual, era que se sentiam, cada vez mais, atraídos um pelo outro. O sexo virtual não só não alterara a opinião que haviam cimentado mutuamente, como reforçara o relacionamento.

Normalmente, uma situação destas levaria a conjeturar ideias preconcebidas, incluindo a de cedências fáceis. E, após um primeiro período de prazer sem questionamento, surgiriam as dúvidas. Um encontro real antecipado, também não as suplantaria, fazendo crer, pelo menos em teoria, da pouca durabilidade da relação natural. É que também pela Internet há sentimentos de posse e de exclusividade, que se transpõem para a realidade. De fidelidade, se se preferir. Se na vida quotidiana já não é fácil controlar a vida do parceiro, neste novo meio de comunicação muito menos ainda. Quando se navega muito tempo na internet, talvez se dê maior importância ao que pode acontecer no ciberespaço do que na vida real. Cada um pode falar com quem e quando quiser, sem possibilidade de qualquer controlo da outra

parte. Muitas vezes, o ciúme existe de facto. Mais por aquilo que cada um faz e projeta no outro. Ao aperceber-se da facilidade com que se trai, pressupõe-se que o outro pode e faz o mesmo. É uma questão que altera as relações sociais. Ainda sem grande expressão, mas ganhando cada vez mais adeptos. Há divórcios, mas também desfechos felizes. Os casamentos com origem na Internet crescem. As pessoas entendem-se, percebem, sentem. Tal como na vida real, acreditam, convencem-se. Umas vezes dá certo. Outras, primeira ou novas desilusões, amarguras que ficam e marcam, avolumando outras feridas.

Depois, a frieza de uma relação virtual - fazer amor através de uma máquina -, mesmo já quando é como um apêndice do próprio corpo, desumaniza. É como se a masturbação carecesse de novos estímulos. A imagem de um corpo que cativa, a lembrança de alguém, de um ou mais pormenores, esfumadas no desejo, já não chegam. O telefonema para a linha erótica perde, porque anónima, apesar da voz, e paga. Na Internet há fotos gratuitas, vozes e imagens dinâmicas, sem fingimentos, pensa-se. Brinca-se com a assepsia do ato virtual. Sem contaminação possível, dispensando o uso de preservativo.

Brincando, pode cair-se no vício. Porquê procurar, se a satisfação está à distância de um clique? Sem sair de casa, sem gastos acrescidos. Um ato solitário que pode levar mesmo à solidão. Há fundamentalistas em tudo. A dependência da Internet é também uma doença. Mas a maioria reage. Cansa-se. Entende que é um meio, não um fim. O olhar denunciador, o toque da pele,

o sabor dos lábios molhados... Nada poderá, nunca, substituir a realidade dos afetos partilhados. Amizade, paixão, amor. Graus apenas de uma relação pessoal, direta, necessária.

Isabel e Carlos estavam longe destas preocupações. Primeiro, porque haviam prometido nunca se encontrar. Depois, porque repudiavam qualquer compromisso, fosse de que espécie fosse. Também, e sobretudo, porque tinham adotado uma postura de inteira sinceridade, percorrendo o caminho do conhecimento mútuo, devagar e com particulares cautelas. E, afinal, estavam em contacto quase todos os dias, donde não seria razoável pensar que cada um tivesse outros parceiros cibernautas. Mas nem era o caso. Nenhum deles sentia ciúmes ou desconfiança do outro. Por isso mesmo, o sexo virtual, mais do que um eventual elemento destabilizador, uniu-os ainda mais. Na verdade, era uma necessidade de ambos, de dois seres solitários.

.....

Passara menos de dois meses. O contacto mantinha-se mais sólido que nunca. Nem ao fim-de-semana despegavam dos computadores. Dir-se-ia que conversavam mais e conheciam-se melhor do que muitos cônjuges, sinal de que a coabitação não é, por si só, um fator de agregação ou de felicidade. Quantos vivem juntos e ignoram mutuamente as suas verdadeiras personalidades e só descobrem tardiamente que casaram com a pessoa errada... Ou, vivendo sob o mesmo teto, fazem vidas próprias, intercetadas

apenas pelos interesses e obrigações comuns...

O Verão aproximava-se e as férias de quem trabalha. Era o tema da conversa desse dia. Uma separação aprazada que parecia ir alterar o relativo sossego do quotidiano de Isabel e Carlos. Ela pensava marcar férias durante o mês de Agosto. Ele, por imperativo do Banco, cabia-lhe o mês de Julho. Mesmo gozando, cada um, pouco mais de quinze dias, contas feitas, ficariam dois longos períodos sem saberem um do outro. Enquanto dedilhavam o teclado, iam pensando no ridículo do que transmitiam, tendo em conta as balizas da sua relação, mas, obstinadamente, os dedos produziam palavras, não involuntárias, mas sem aparente controlo.

- Não me conformo em ficar sem teclar contigo tanto tempo.

- Eu também não. Não me vais trocar por outro?

- É uma cena de ciúmes ou estás a ofender-me?

- Desculpa. Nem sei o que é. Aceito, contudo, que sejam mesmo ciúmes, algo que quebra o nosso acordo. Claro que não gostaria que isso acontecesse, acredita. Deve ser apenas um momento de fraqueza. Espero que entendas.

- Entendo. Tenho pensado muito ultimamente. Não sei porquê ainda, mas estou segura de que és muito mais importante para mim do que eu poderia imaginar. Por mim, podemos pôr fim ao acordo.

- Agora fiquei sem palavras... Tens consciência de que isso pode alterar tudo?

- Tenho. Agora só depende de ti. Se quiseres tentar, claro.

- Há muito tempo que quero. Tenho algum receio, não nego, mas estou disposto a arriscar. O que quer dizer que temos de marcar um encontro, certo?

- Certo. E quanto mais depressa melhor. Ainda não te disse, mas estou a ficar ansiosa por esse encontro real. Em especial, para te tentar explicar, olhos nos olhos, que não sou uma mulher fácil, como poderias deduzir desta quase depravação em que se transformou o nosso relacionamento. Claro que, se não nutrisse nenhum sentimento por ti, estava-me nas tintas, mas assim, sinto-me obrigada a, pelo menos, tentar que me entendas.

- Isabel, não tens de explicar nada e muito menos fazer-me entender seja do que for. Eu teria de fazer o mesmo e não sinto necessidade disso, simplesmente porque... Esquece! Olha, acho que o melhor é marcarmos mesmo o encontro e falarmos olhos nos olhos, como tu disseste. Diz quando podes.

- Podemos almoçar?

- Sabes que é um bocado complicado para mim, porque tenho pouco tempo. Preferia ao fim da tarde. Ou melhor, porque não nos encontramos no Sábado, depois de amanhã?

- Pode ser. Onde e a que horas?

- Por mim, a qualquer hora. Já que parece que o tempo vai estar bom no fim-de-semana, que tal ao meio-dia junto à Torre de Belém, em homenagem ao primeiro texto que escreveste?

- Qual? Já não me lembro...

- O da gaivota do Tejo que viajou até à China.

- Ah, esse... Está bem, mas amanhã não teclamos. Prefiro assim, se não te importas.

- Compreendo... Combinado.

.....

O dia seguinte decorreu longo. A noite não parecia igual. Desassossegados, não entendiam ainda porque haviam quebrado, tão de repente, um acordo assumido como quase sagrado. Uma relação intensa e duradoura, pelo menos em termos de Internet, parecia ir esboroar-se. Claro, fora o sexo virtual que despoletara esta situação, em menos de dois meses. Tudo ficara demasiado óbvio, repetitivo e quase desinteressante. A condição de solitários felizes, que ambos reivindicavam, talvez apresentasse pequenas fissuras que não tinham ainda detetado. Feridas não saradas ou, não era oportuno admiti-lo, descobertas, emoções, sentimentos, que ainda não estavam preparados para conhecer e assumir.

Sentiam que não poderiam estar muito tempo longe um do outro, mesmo que virtualmente, mas, por outro lado, temiam que aquele encontro fosse o fim do sonho. Sim, sonhavam. Como quem acorda e não carrega com o peso da realidade. Imaginar uma vida a dois não é o mesmo que viver a dois. Supor que se está no corpo de alguém é fantasiar simplesmente. Acordar, na cama própria ou em outra qualquer, com o lugar ao lado ocupado, pode ser uma provação, de resultados patéticos. O desejo prega partidas. A noite esconde, o

dia mostra. Olha-se e reflete-se. Esconde-se o incómodo, com forçada delicadeza, esperando que o outro tome a iniciativa de ir embora ou de abrir a porta subtilmente. Mas, se o gesto matinal trouxer renovados encantos, rosas frescas de orvalho, e se as carícias acenderem o fogo que parecia já extinto, o feitiço toma conta de todos os pequenos nadas. Transforma-os num todo que enreda o tudo, anestesia e não larga.

Incógnita que Isabel e Carlos temiam. Por mais ciosos da sua liberdade, sublimada em solidão feliz, estavam conscientes das consequências do encontro real. Claro que poderiam desentender-se logo nas primeiras falas, porque uma coisa é o contacto pela Internet, mesmo vendo as respetivas imagens, outra estarem frente a frente, como dois seres reais. Os defeitos, os tiques, o caráter, estariam muito mais expostos. O próprio aspeto físico poderia desagradar. Se não acontecesse de imediato, poderia ir transparecendo ao longo do jantar. Mesmo que nada o levasse a crer, se prolongassem a noite, poderia surgir no dia seguinte ou, ainda, nos dias imediatos ou até daí a poucos meses e voltavam ao princípio dos seus medos.

Nenhum entendia muito bem porque os assaltavam esses pensamentos. Porque associavam àquele encontro uma mudança drástica de vida? Ambos tinham vivido as suas aventuras e nunca haviam ficado amargurados ou ressentidos. Águas passadas, sem marcas, apenas uma ou outra recordação esbatida pelo tempo. Porque sentiam um pelo outro algo mais que uma simples amizade, cimentada pelo ciberespaço? E podia acontecer paixão e amor pela Internet? A verdade é que nem sabiam muito bem o que sentiam.

Por agora, um imenso desconforto, um certo nervosismo que atalhava o raciocínio mais lógico. Deviam estar a ficar velhos, era isso. A precisar de aconchego ou simplesmente de companhia. Mas quem havia chegado até aqui sozinho e se sentia bem com este estatuto, porque haveria de arriscar uma segunda vez? E se não resultasse de novo?

Lucubrações em círculo. Voltando sempre ao começo, sem descortinar o fim. Porque não encarar o caso como mais uma simples aventura? Nem era necessário que o fosse. Um encontro de amigos limita-se a um bom jantar, a uma salutar conversa e cada um segue o seu rumo. Mas amigos não fazem certas coisas e, depois do sucedido, nada voltaria a ser como dantes. O mais provável era...

.....

A Torre de Belém estava à sua espera. Com as mesmas gaivotas do conto de Isabel a esvoaçarem numa espécie de cerimónia de boas-vindas. Carlos chegou primeiro. Estacionou nas imediações do monumento nacional, símbolo de uma portugalidade esquecida. Abeirou-se do rio, deliciando-se com o movimento dos barcos pelo Tejo, deixando o olhar preso nas velas de um *grande cruzeiro* que se fazia ao alto mar. Era sempre um momento de sonho, que nunca se atrevera a concretizar. Vogar sobre as ondas, nas asas do vento, peregrinando pelo Mundo, quase como os descobridores de outrora, era demasiado para a sua noção e capacidade de aventura. Mas, como ideia, era

qualquer coisa que o arrebatava. Descendo à terra, sabia porque nunca o faria. Dias e dias no mar, o desconforto, as possíveis tempestades, tufões, furacões, maremotos... Não, admirava aqueles aventureiros, mas era mais homem de sofá e dos quotidianos prazeres da vida.

Isabel atrasara-se um pouco. Carlos continuava na sua introspeção de marinheiro de terra, condescendendo que nem tudo o que se idealiza ou imagina tem necessariamente de ser concretizado. Podia muito bem ser apenas uma espécie de escape para algumas frustrações ou simplesmente um expediente para combater a insatisfação de uma vida demasiado certinha. Pensando bem, e em jeito de conclusão, já não se importaria de fazer um cruzeiro pelo Mediterrâneo num paquete de luxo. Um pequeno toque no ombro direito, fê-lo voltar-se.

- Isabel!...

- E tu és o Carlos, julgo. Prazer...

- Não vamos cumprimentar-nos com um aperto de mão…

- Também acho... Beijinhos.

- Desculpa, mas não te vi chegar, estava a observar o Tejo e os barcos.

- Também gosto de sentir que o mar leva sonhos. Se os traz já não sei.

- Essa frase merecia um prémio literário.

- O bem-humorado de sempre. Só queria significar que o mar para mim é como qualquer coisa inatingível, que nos pode levar a todos os lugares e a lado nenhum. O murmurar das ondas é como uma cantilena de embalar e

prenúncio de morte ao mesmo tempo.

- Entendo. Quem nasceu junto do mar tem uma melhor noção da sua ambiguidade. Ora dá, ora tira.

- Exato. Tens boa memória. Essa conversa foi quase no princípio do nosso relacionamento.

- Não esqueço facilmente certas coisas. Olha, vamos decidir onde vamos almoçar?

- Certo. Mas antes, gostava de falar contigo sobre o que aconteceu nos últimos tempos.

- Se tu quiseres, mas já sabes o que penso sobre o assunto.

- Talvez. Mas nunca imaginei que pudesse ser capaz de fazer aquilo. Estou angustiada por ter dado uma imagem de mim que não corresponde ao que sou. Não sei se entendes, mas é importante que tente redimir-me deste sentimento de culpa.

- Culpa?! Sou tão culpado quanto tu. Fomos cúmplices de algo que nos apeteceu fazer e que, a mim pelo menos, me soube bem, muito bem mesmo. Na verdade, também necessitava. Sentia-me sozinho e tu vieste completar os meus dias de solidão, em todos os sentidos. Por outro lado, deixa-me dizer-te que ao assumires essa postura estás a denegar a tua condição de mulher livre e emancipada.

- Como assim?

- Porquê falas em culpa, como se tivesses praticado um ato imoral ou pecado. Depois, insistes em tentar explicar-me que não és assim, como se o

que fizemos nestes últimos dois meses fosse algo que não cabia ou não tivesse sentido na nossa relação. Ou então, pior ainda, que tu não tivesses o direito de o fazer e que isso significasse, fazendo-o, que eu teria uma opinião errada de ti, rotulando-te como uma mulher qualquer.

- Às vezes também sabes ser cáustico.

- E tenho de ser neste caso. Nunca aceitaria este encontro se te julgasse desse modo. Portanto, não gostaria que voltássemos a abordar este tema, não tanto por mim, mas mais pela consideração que te devo e tu deves a ti mesma. O que fizemos foi consequência normal da nossa relação e só a fortaleceu. Será que entendes?

- Também não sou tão burrinha assim... Entendo e enternece-me a tua posição sobre o assunto. Acho que podemos decidir do almoço. Mas, antes, se não te importas, gostava de passear um pouco.

Isabel e Carlos dirigiram-se, em silêncio e devagar, para a doca de Belém. Lado a lado, as mãos tocaram-se. Primeiro um dedo, outro, a mão inteira. Apertadas com força, dispensando palavras inúteis. O tempo pusera-se, quase de repente, triste, nebuloso, ameaçando chover. As gaivotas descreviam agora círculos hesitantes. A zoada da Ponte 25 de Abril tornara-se mais distinta, como se todos os lisboetas resolvessem ir almoçar à Costa da Caparica, confiados num boletim meteorológico falacioso. Um relâmpago descreveu uma curiosa ramificação sobre o cinzento, seguido de um trovão que estremeceu o ar e o chão. Uma chuva diluviana abateu-se sobre a Cidade. De mãos dadas,

correram para os carros. Encharcados, entraram no de Carlos, mais próximo.

- Mau augúrio para o nosso encontro.

- Não ligo a isso. No Oriente, a chuva, em muitas ocasiões, é um bom sinal. Estas coisas só têm a importância que a gente lhes queira dar. Aliás, embora não se aplicando ao caso, há aquele ditado popular que diz que o casamento molhado...

- É abençoado. Concordo. Mas agora temos um problema. Assim molhados, não estaremos muito apresentáveis para ir a um restaurante.

- Tens razão. Em alternativa, podíamos passar por um hipermercado, comprar comida já feita e almoçávamos em minha casa, já que fica mais perto do que a tua. Que achas?

- Uma diferença geográfica relativa para um cidadão auto mobilizado. E seria uma sábia ideia, não fosse a circunstância de nos acabarmos de conhecer...

- Essa agora! Conhecemo-nos há oito meses, lembras-te?

- Não pessoalmente, lembras-te?

- Claro que sim, mas acho que sabes o suficiente sobre mim para não pensares...

- Não penso nada. Só que já ouvi algumas histórias macabras de encontros através da internet. E tenho receio. Só isso.

- Ora, uma confissão de medo da mulher toda senhora de si. Acaso tenho cara de estripador ou de sadomasoquista?

- Ah, ah... Não tens, de facto, mas isso também não se vê à vista desarmada.

- Isso não sei, mas também posso reclamar do mesmo receio, porque podes esconder, debaixo desse aspeto de menina cândida e molhada graves tendência psicopatas.

- Ah, ah... Pronto, ganhaste. Vamos lá seguir o teu plano. Apenas no que respeita ao almoço, fica bem entendido.

- Aceite. Ficamos então com um plano a curtíssimo prazo, com termo certo até ao café. Mas, de acordo com o mesmo, temos de ir comprar comida. Vamos ao “Continente” do Colombo?

- Acho boa ideia. Das poucas vezes que lá fui pareceu-me que tinha alguma variedade de pratos.

- Então fazemos assim. Vamos primeiro até junto da minha casa. Deixas lá o carro e de seguida vamos ao Centro Comercial.

- De acordo, mas promete-me que vais devagar para não te perder de vista...

Isabel abriu a porta do carro para se dirigir ao seu. Carlos, num impulso, reteve-a. Ela olhou-o, indagando-o. Entendeu. Também queria aquele beijo que pairava no ar. Abrasador como o relâmpago, repercutido como o trovão. Não disseram nada. O olhar confirmou que ela o iria seguir, como se os lábios, ainda húmidos e quentes, não se tivessem descolado, mas permanecessem unidos, agora num espaço em que o tempo não contava.

A caminho, a chuva amainara, mas ainda assim era tão intensa que dificultava a visão. De repente, um pequeno vulto saltitante atravessou a estrada, obrigando Carlos a uma travagem forçada, com aceleração imediata depois de o animal se escapulir para o outro lado. Foi uma reação treinada, porque o carro de Isabel, com as rodas bloqueadas, tinha ficado praticamente colado à sua traseira. Como amante da condução e experimentado em acidentes deste tipo, preocupava-se mais com o que poderia acontecer na sua retaguarda, já que mantinha sempre uma distância prudente do veículo que o antecedia. Isabel, quando voltou a entrar no carro de Carlos, não escondia um certo nervosismo.

- Porque é que travaste daquela maneira?

- Porque um esquilo atravessou-se à minha frente. Há muitos em Monsanto.

- Ia-te batendo...

- Eu percebi, por isso acelerei de novo.

- Travei e o carro começou a escorregar. Tive mesmo a sensação que era inevitável o acidente.

- Pois, por um lado vinhas muito próxima de mim, o que se compreende pela pouca visibilidade e pelo facto de me estares a seguir. Mas talvez tenhas cometido um erro. Travaste com força de mais e sem usar uma mudança inferior. Com o piso molhado, pode-se perder facilmente o controlo do carro.

- Olha o senhor instrutor de condução! Será que sabes tudo sobre tudo? Começo é a achar que este nosso encontro não estava programado para esta

data.

- Desculpa! Não te queria dar nenhuma lição. Também podia ter acontecido comigo se viesse atrás de ti. Sabes que não acredito no destino e não será o mau tempo e um acidente que não aconteceu que me vão fazer mudar de ideias. Mas, o mais importante é que não tenhamos uma zanga, meia hora depois de nos conhecermos pessoalmente.

- Não podia estar mais de acordo. Deve ser do tempo. Ou talvez dos nervos. Confesso-te que não me sinto mesmo nada à vontade.

- E julgas que eu não sinto o mesmo? Mas já que embarcámos nesta aventura, gostava de a levar até ao fim.

- Levemos...

Carlos posou a mão sobre a de Isabel. Ela colocou a outra por cima, como se as palavras, por vezes, causassem um ruído absurdo e ininteligível. Comportamentos estranhos. Não era apenas o receio do desconhecido. Talvez, e sobretudo, o medo de perda de uma parte de cada um, a que teriam de compartilhar, se... Se desse certo, se estivessem mesmo apaixonados. Santa estupidez! Era o que faltava, uma paixão pela Internet e nesta idade. Trocar a vida conquistada a pulso, vencendo muitas amarguras, sublimando fracassos, por uma nova, e improvável, tentativa a dois, marcada, desde logo, por um princípio de desentendimento... Mudar os hábitos, sentir os cheiros, acordar com a cama cheia, ter duas toalhas na casa de banho, o sofá da televisão ocupado, as compras duplicadas, compatibilizar gostos e

necessidades, resolver em conjunto? Nem pensar! Qual outro lado? Não havia mais nenhum. Mesmo que se entendessem, era melhor cada um ficar na sua casa... E porque se haviam de entender? Porque tinham de dar tanta importância a este encontro? Porque se sentiam assim empurrados para um desfecho de que ambos duvidavam? Essa ideia de que as pessoas não podem viver sozinhas, porque a natureza humana é gregária, carecia de correções. Mas devia ser isso que, no subconsciente, as impelia a fazer os disparates, aceitando, submetendo-se a um padrão.

A escolha do prato não reuniu consenso. Cada um escolheu o seu. Acrescentaram pão, queijo e frutas. Estas, escolhidas por eliminação do que cada um menos gostava. Desculpas mútuas, mas, também, princípio de respeito e de não anulação. No final, pareciam ter obtido os resultados desejados, com as cedências próprias de uma negociação amigável. Chegaram a casa. Carlos advertira-a para alguma confusão, própria de um homem só. Ela consolara-o com o facto de a dela não primar pela arrumação feminina. Apesar disso, Isabel, não pode deixar de esboçar um sorriso controlado quando se fechou a porta de entrada. Os móveis e a sua disposição poderiam até apresentar alguns aspetos práticos vantajosos, mas deixavam muito a desejar à estética. Prudentemente, limitou-se a apreciações de ocasião, à medida que ia percorrendo as quatro assoalhadas.

- Então é aqui o teu “covil” ou escritório…

- Que tu já conhecias. Lembro-me que uma vez rodei a câmara e te mostrei

todos os pormenores.

- Mas ao natural parece diferente, não sei explicar bem. Mas entendo porque é que passas aqui uma boa parte do teu tempo.

- Já do resto da casa não gostaste tanto, está visto.

- Não, não é isso. Acho que tem a tua marca. Sinceramente, não me agradam alguns aspetos, mas provavelmente dirias o mesmo da minha.

- Entendo. Confesso que não tenho pachorra para me preocupar com a estética, depois fui adquirindo as coisas aos poucos, outras ficaram do antes.

- Do antes?! Ah, entendi. Mas podes dizer à vontade que foram sobras do casamento. Também as tenho.

- Sim, mas, na verdade não gosto de falar disso. Pertence a um passado longínquo que não me agrada recordar. Olha, deves querer tomar um duche e mudar...

- De roupa. Pois, nem me lembrei desse pormenor. Só se for a casa...

- Com essas sobras não fiquei, mas arranja-se um roupão ou um fato de treino...

- E uns chinelos, já agora.

Arranjou-se. Um pouco sobredimensionados, mas evitavam uma demorada ida a casa, com a Segunda Circular a pedir descanso e a atirar qualquer almoço, mesmo tardio, para quase jantar. Carlos também mudou de roupa, enquanto Isabel aquecia o almoço. Um vinho branco, bem fresco, ganhou a adesão de ambos. Um disco, a pedido, rodava agora: “Sailing”. Ela lembrara-

se do embevecimento pelas velas enfunadas à beira Tejo. Como era possível estar ali, frente a frente, a sós, falando como duas pessoas que se conhecessem há muito? Podia não ser de fácil compreensão, mas era bem real.

- Lembras-te de quando resolvemos abordar grandes temas?

- Lembro, mas acho que, a sério e com pesquisa, nos limitamos a três ou quatro.

- Pois, os outros temas ficaram por abordar. Ou melhor, abordámos, mas sem a profundidade que se impunha. Gostei, sobretudo, daquelas tuas teorias sobre a Humanização das Coisas e a Projeção dos Contrários...

- Ah, ah... No primeiro caso dava o exemplo do Metro, ao imaginá-lo como uma lagartixa, dando-lhe vida. Portanto, a um passo de lhe conferir alma e, logo, humanidade...

- E, no outro, a propensão que as pessoas têm para projetar em sentido contrário as suas próprias carências. Isso explicava a criação dos ídolos e, num patamar superior, a crença na divindade, logo em Deus.

- Tens boa memória, mas essa última teoria já tinha sido descoberta por alguém, de cujo nome não me consigo lembrar.

- Isso também pouca importância tem. O que importa é que trocámos opiniões sobre muitos assuntos, quase sempre sintonizados.

- É verdade. Discordámos nalguns aspetos, mas noutros, na esmagadora maioria, estivemos sempre afinados.

- Que me recorde, discordámos no futebol, como fenómeno cultural, e nalgumas análises políticas.

- Exato. Na política reconheço que tens uma maior acuidade nas previsões, mas no futebol continuo a teimar que só deveria ser cultural enquanto desporto puro e simples, sem a envolvência que lhe estão a dar, atitude que raia uma quase paranoia coletiva.

- Ai, não comeces... E não venhas de novo com os três “efes”. Os Média trouxeram novos conceitos. Hoje, não podemos pensar mais como cidadãos de um Estado mas como fazendo parte da Europa e do todo que é o nosso planeta.

- Os Média, na maior parte dos casos, só reportam desgraças. Vivem do sensacionalismo. E não vejo o que tem a ver a globalização diretamente com fenómenos como o futebol. Mas nem é essa a questão. O que me preocupa é o uso que dele fazem, manipulando-o como instrumento de alienação.

- Concordo. Mas o futebol não será o único instrumento para esse fim. O que não queres entender é que se tornou num fenómeno social com uma dimensão mais ampla, como outros. Logo, existindo, temos de saber conviver com eles.

- Até ai tudo bem. Não volto as costas à realidade. Até aceito que tenha a ver com a ausência de valores e seja um dos meios que contribua para a identidade coletiva, mas não me venham com conversas sobre os problemas conjugais do jogador A ou B ou de outra figura qualquer daquilo a chamam *Jet Set*. Isso é pura coscuvilhice, com expressão máxima nos *Reality Shows*,

como o *Big Brother*.

- Mas isso vende, meu caro. Jornais, revistas, programas de televisão, que fazem publicidade que dão trabalho a muita gente, incluindo a mim.

- Vende, mas deforma. Não podemos colocar as coisas assim. É como dizer que os trabalhadores têm de fazer sacrifícios em nome da economia. Esta existe exclusivamente para satisfazer as necessidades das pessoas, não é um fim em si mesma. É esta inversão de valores que leva à descaracterização. Tal como eu, podias sentir-te realizada no teu trabalho, fazendo algo diferente, construindo, formando, não contribuído para esta massificação a que alguém, com alguma razão, chamou de "gelatina", porque quando se lhe toca mexe, treme, mas volta ao lugar a seguir.

- Ah, ah... Gostei da imagem, mas isso quer dizer que tu não te sentes realizado com o que fazes?

- Tecnicamente sim. Mas sabendo da forma com se apela ao crédito e depois de ver a cara de algumas pessoas que lá vão, quase a chorar e à beira de uma ataque cardíaco, porque já não podem pagar as prestações e nem dinheiro têm para darem comida aos filhos, fico revoltado. Este sistema é perverso. Cria necessidades sem olhar aos resultados. Mata com o mesmo à-vontade com que promove.

- Ena! Se não jogasses na Bolsa diria que és comunista.

- Engraçadinha. Não sou, mas, por acaso, até já fui. Loucuras da juventude. O que não quer dizer que não me preocupe com a justiça social. A Bolsa é um bom exemplo de como os pequenos investidores se podem arruinar. Porque

só é jogo até certo ponto, há muitos fatores a ponderar.

- Já reparaste que quando discutimos, no bom sentido claro, temos uma certa propensão para salvadores do Mundo, acabando por não mudar nada?

- Tens razão. Mas sentir que sou capaz, pelo menos, de pensar faz-me sentir vivo. Deve ser por isso que nunca comi nem gosto de gelatina. Ah, ah...

- Ah, ah... Imagina se tivesse escolhido isso para sobremesa. Corrias comigo, mesmo nesta figura.

- Posso pronunciar-me sobre a tua figura atual?

- Não sei se te deva autorizar, mas vá lá...

- Podes não entender, mas agrada-me mais como és ao natural. Cabelo escorrido, sem pinturas. Como estás agora, como és.

- Queres então dizer que não gostavas de mim, quando me vias pela câmara, mais ou menos arranjada.

- Não é isso. É uma elaboração um pouco mais complicada, que não expressei bem...

- Dito de outro modo, estavas com medo que saísse do banho uma monstruosidade.

- Monstra estavas antes, com a pintura toda esborratada pela chuva.

- Palerma! Devia atirar-te com os ossos do frango...

- Ah, ah... O que queria dizer mesmo é que, por vezes, a maquilhagem esconde defeitos. E, neste caso, produz o efeito contrário.

- Deixa-me lá ver se percebi... Achas-me mais bonita assim?

- Exato. Vês como és inteligente?

- Eh, eh... E tu, por vezes, ficas parvinho. São situações completamente diferentes. Formas de estar perante nós e os outros, até pode ser da gelatina, mas gosto de sair maquilhada, assim como me agrada usar alguns anéis, pulseira, colar. Já na pré-história se utilizavam artefactos de beleza.

- Pronto, pronto. Mas não me podes tirar o direito de usar da minha opinião. Por outro lado, pretendia ser um elogio e não uma crítica.

- Sendo assim, fico sensibilizada. Também nunca ninguém me fez um elogio desses. Deve ser por isso que o entendi num segundo sentido.

- Eis como um simples piropo se transforma numa quase batalha campal...

- Desta vez, não. Acho que começamos a controlar os nossos ímpetos selvagens. E já me apercebi das tuas ironias.

- Observadora e perspicaz. Vamos sentar no sofá?

- Vamos. Mas primeiro é melhor levantar a mesa e guardar os restos da comida...

Lado a lado, viam agora, por sugestão de Carlos, um filme recém-chegado ao mercado, candidato a alguns Óscares. Uma história de amores difíceis, como todas as relações de amor. Percorre-se a provação e acaba-se na felicidade. Mas estas fitas terminam onde se poderia começar a reescrever o guião. Seria uma sucessão de episódios, com fim apenas na morte. A vida é complicada. Carlos, quando falava disso com os colegas, costumava dizer que era como a Bolsa, com os seus altos e baixos. Menos nas previsões mais óbvias. E, quando batia no fundo, era quase certo que não voltaria a subir.

Caricatura das incertezas, sobretudo de quem sentira na pele um *crash* que levara as ações pessoais a quase zero. Afastou esses pensamentos. Passado era passado e o presente estava ali.

Isabel fumava um cigarro. Carlos ainda acondicionava o tabaco no cachimbo. Na mesinha à sua frente, uma amêndoa amarga e um whisky refletiam os raios catódicos. O filme fazia pensar. Há um desentendimento comum global. Em toda a parte se cometem os mesmos erros, experimentam-se idênticas desilusões. O ciúme acicata a desconfiança. O silêncio preconiza o fim. Lambem-se as feridas e parte-se para o próximo desafio. Mas este passo é curto. Tanto se encontra um porto de abrigo, como se resvala para um pântano lamacento, que enrodilha, traga. Não há lições a tirar nem a dar. Cada um é livre e escravo. No final, dirão que foi o destino. Talvez. Se se é soberano a traçar os caminhos, nem sempre há o engenho de escolher o mais certo.

- O fumo do cachimbo está a incomodar-te?

- Não. Até gosto desse cheirinho a chocolate. Adoro doces. Assim, fico a saboreá-lo sem o ingerir. Um modo engraçado de fazer dieta.

- Deixa por o DVD em *pause*... Queres experimentar?

- Deixa lá ver... Sabe bem.

- O quê?

- O quê?... Saborear o cachimbo.

- Ou a boca do dono?

- Logo vi. Lembra-te que prometeste portar-te bem.

- Claro e estou a portar-me. Só fiz uma pergunta.

- A propósito de perguntas, aproveito para te perguntar o que achaste ou pensaste quando me viste em carne e osso?

- Acho que já fui explícito quanto ao que queres saber. Na conversa que tivemos em Belém e ainda há pouco. Mas, para acabar com todas as dúvidas, não só não fiquei desagradado, como venho reformulando constantemente o que penso se ti, digamos que num sentido muito positivo. E tu, que pensaste?

- Isso não é resposta. E a expressão "Não fiquei desagradado" é equivalente a qualquer coisa como "a tipa não é grande coisa, mas que remédio".

- Ah, ah... Mas já agora, responde à pergunta que te fiz.

- Não devia, mas digo, usando a tua terminologia, embora de modo mais próprio. Fiquei agradavelmente surpreendida. E agora mais ainda. Mas tu deves-me uma resposta.

- Tens razão. Retiro a última parte do que disse, subscrevendo a tua afirmação. Mas, porque nem sempre as palavras dizem o que queremos, gostaria de prová-lo de modo mais eficaz...

Carlos olhou Isabel bem nos olhos, acariciou-lhe o rosto com ambas as mãos e beijou-a. Depois... O tempo parou, como o filme que viam. A tarde esmoreceu nos lençóis da cama de pinho. Jantaram, vagamente, os restos do almoço, transformados em sandes. O DVD manteve-se mudo. Nenhum sentia

vontade de pensar e, muito menos, de recordar o passado. A noite revelou mais segredos. Cansados, os corpos repousaram num abraço. A chuva e a trovoada, de novo intensas, eram canções de embalar. O reflexo dos relâmpagos, pelas persianas semiabertas, tingiam de novas cores o pinho da cama, como se a madeira ressequida ganhasse vida com nova seiva. O rádio-despertador acordou-os cedo. Carlos esquecera-se de o reprogramar. Olharam, espantados, um para o outro, como se não fosse suposto aquele encontro matinal, nem virtualmente. Sorriram. Acariciaram-se. Saborearam os corpos amanhecidos.

- Já vais embora?

- Tenho de ir. O Paxá está sem comida desde ontem. E com a minha ausência deve estar aninhado a um canto, coitadinho.

- Entendo. Falamos logo à noite?

- Claro que sim.

Despediram-se com um beijo conciso. Carlos acompanhou-a ao carro e andou mais uns metros a pé, até ao Café do bairro. Àquela hora quase nem valia a pena tomar o pequeno-almoço. Por outro lado, sentia uma espécie de cansaço, mais um torpor, que pedia repouso do corpo. Não entrou. Dirigiu-se ao restaurante nas imediações, comprou duas doses de pratos do dia, sobremesas e pão e regressou a casa. Não lhe apetecia sair mais nesse dia. Sentou-se no sofá e, mecanicamente, ligou o DVD. O filme inacabado

recomeçou. A história pareceu-lhe deslocada no tempo. Desligou. O *zapping* da televisão por cabo enfastiou-o. Colocou um disco de Tom Jobim e recostou-se de novo, com os olhos fechados.

Acontecera tanta coisa, que nem sabia bem como ordenar as perguntas a si mesmo e muito menos alinhavar as respostas. Gostara de estar com Isabel? Sem dúvida. Acordar a seu lado fora uma sensação de partilha. Sorriu. Partilha de exclusividade da cama de pinho. Não era isso, claro. Mas no sentido de que lhe agradara a sua presença. Abrir os olhos e vê-la, senti-la a seu lado. Fora um momento de uma beleza que lhe fugira, há muito, da memória. Era a primeira que não sentira vontade de correr da cama como companheira de ocasião. Dito assim, ficava demasiado cru. Mas, de certo modo, verdadeiro. Depois recomeçar... Isabel fora uma amante indescritível. Nunca experimentara tanto prazer. Não era apenas isso, obviamente. Mas toda e empatia que se criara. Estranhas partidas que a Internet prega às pessoas. E agora? Bom, agora não sabia. Talvez se encontrassem de novo. Se ela quisesse...

Decidiu almoçar. Sentiu que lhe faltava alguma coisa. Talvez por não ser hábito comer em casa. O barulho dos restaurantes? Não se importaria de compartilhar mais esta refeição com Isabel. Almoça-se e janta-se, no mesmo dia, com a mesma mulher e dá nisto. Mas agradava-lhe a ideia. Estaria apaixonado? Que ideia, só numas horas de relacionamento real... Será que ela não lhe iria sair mais da cabeça? Que estaria a fazer agora? A cuidar do Paxá e a almoçar também, com certeza. Talvez lhe pudesse telefonar mais

tarde... Não, era melhor esperar pelas nove e trinta da noite.

Isabel, sentada sobre o tapete da sala, escovava o pelo do Paxá. O gato deliciava-se com este carinho, ronronando de agrado. Comera apenas alguma fruta e tomara um café. Por mais que tentasse repreender-se por estar a dar demasiada importância ao sucedido, não deixava de pensar em Carlos. Provavelmente, para ele teria sido mais uma aventura. Não o censurava por isso. E agradara-lhe estar com ele. Não se arrependia de nada. Mas não lhe perguntara se tinha gostado de estar com ele, nem tinha pronunciado uma única palavra sobre as horas que haviam passado juntos...

Já quase nem se lembrava quando tinha sido a última vez. Carlos fizera-a sentir-se mulher de novo, nas nuvens. Era a expressão certa. Nunca tivera tanto prazer em toda a sua vida. Fora a primeira vez que sentira aquilo que julgava serem orgasmos múltiplos e uma vontade louca de continuar. Tinha-se excedido. Deveria tê-la catalogado de ninfomaníaca. Gostaria de saber o que ele ficara a pensar. Mas uma relação não se pode resumir ao sexo. Porque havia de estar sempre a pensar nisso como um exagero ou quase um pecado?

Não se importaria de ter ficado mais tempo. Talvez pudessem conversar, dizer as coisas que não foram ditas. E o que haveria para dizer? Que estavam apaixonados, que queriam viver em comum? Tolices. Nesta idade, ninguém se apaixona assim, num primeiro encontro. Mas ele não lhe saia da cabeça. Nunca sentira uma atração assim antes. Apetecia telefonar-lhe, conversar. Mas era mais prudente não o fazer. Estava tudo ainda muito a fresco. Era isso

que lhe devia baralhar as ideias. À noite, mais calma e distanciada dos acontecimentos, teria uma reação mais sensata, virtualmente resguardada.

Mas, a propósito, onde teria colocado o telemóvel? No apartamento de Carlos não o devia ter deixado, pois tinha quase a certeza de que o tirara da mala quando chegou a casa. O certo é que não o encontrava em qualquer parte das três assoalhadas nem na casa de banho, apesar de duas buscas exaustivas. Talvez ligando do telefone fixo... Mas, e se o tivesse deixado mesmo em casa de Carlos? Bem, teria de arriscar, já que o telemóvel era um instrumento essencial de trabalho... Retirou o telefone da base e discou. Nada... Sinal de chamada, mas não se ouvia uma única nota da melodia que escolhera para toque. Foi percorrendo a casa, até que a vozinha, irritantemente simpática, da operadora a convidou a deixar mensagem. Teria mesmo ficado em casa de Carlos e este, por pudor, não atendera? Talvez... Mais uma insistência, agora enquanto ia arrumando a cozinha. Pareceu-lhe escutar um som abafado, por detrás de si. Observou as prateleiras, abriu os armários. Nada, de novo. Só restava o frigorífico. Que tolice, abriu-o. O som aumentou, de repente. O telemóvel, com um aspeto pouco saudável, encontrava-se junto das latas de comida do Paxá. Estava doida, só podia ser...

As horas passavam devagar e penosamente. Nenhum conseguia explicar esta metamorfose. Porque, de repente, deixara de ser relevante o *estatuto-refúgio* blindando, uma espécie de *fire wall*, que haviam criado contra intrusos? Porque essa vontade louca em acelerar os ponteiros do relógio? Sinal de

velhice precoce. Estavam a precisar de companhia. Claro que não. Havia qualquer coisa de inexplicável que tocara e calara fundo. Se era paixão, se era amor...

.....

- Olá, como estava o Paxá?

- Com algumas saudades, mas bem. E tu como estás?

- Já que me colocas ao nível do gato, com saudades também.

- Do Paxá?!

- Engraçadinha, de ti!

- Hum... Qualquer dia apresento-te o meu Paxá.

- Digo-te que tenho saudades tuas e tu respondes que me apresentas o gato. Claro que terei muito gosto em conhecê-lo.

- Tenho medo.

- Que ele não goste de mim?

- Sempre espirituoso. Estou a falar a sério. Tenho medo de ter saudades tuas, de gostar de ti.

- E achas que eu também não tenho? Este imprevisto que nos aconteceu deixou-me a pensar a tarde inteira. Tive de me conter para não te telefonar.

- Passou-se o mesmo comigo. O que nos está a acontecer?

- Não sei. Por um lado, acho que pode valer a pena, por outro, temo que nos venhamos a arrepender amargamente da quebra do nosso acordo.

- Partilho da dúvida. Mas sinto-me compelida a tentar. Pareço uma adolescente com a cabeça baralhada.

- E eu, imberbe, com borbulhas. Apetece-me conhecer mesmo o Paxá.

- Agora também fiquei burra.

- Achas que é mesmo necessário explicar?

- Claro que não. Queres mesmo tentar?

- Quero!

- E se não der certo?

- Se não tentarmos, nunca o vamos saber.

- Seja. Porque não me disseste nada esta manhã?

- Porque não sabia o que dizer. Temia a tua reação.

- Entendo. Também não consegui falar. Olha, gostava de te fazer uma pergunta, mas tens de prometer que me respondes sinceramente e sem ironia.

- Prometido.

- Tenho vergonha de te perguntar isto, mas gostava de saber se me consideras ninfomaníaca?

- Essa agora, porquê?

- Pelo meu apetite, quase insaciável. Não foi?

- Primeiro, tomo isso como um elogio que, naturalmente, enaltece o meu ego, já que foi um ato a dois. Depois, se quiseres designar o teu desejo com esse termo, tenho a dizer-te que não me importo mesmo nada. Muito pelo contrário.

- Estúpido. Era para ser sem ironia. Achas mesmo?

- Acho e até gostava de praticar mais. (Risos).

- Era a sério...

- E é a sério, mesmo brincando, porque a tua pergunta não tem qualquer razão de ser. Foi o melhor que me aconteceu em toda a minha vida. Sem favor nem ironia.

- Acreditas se eu te disser que nunca me tinha acontecido isto antes?

- Acredito, claro. Mas agora, sou eu a corar...

- Tolo. Olha, voltando ao princípio, acho que temos muito que falar.

- Concordo. E, se aceitares a sugestão, talvez seja melhor usarmos o telefone.

- Ia sugerir o mesmo...

Isabel e Carlos nunca mais voltaram a comunicar pela Internet. Agora encontravam-se quase todos os dias ao fim da tarde, nas respetivas casas. Aos fins-de-semana aproveitavam para assistir a algum evento cultural ou para uma visita a locais pouco conhecidos nos arredores da Grande Lisboa, numa espécie de roteiro, previamente estudado, com enfoque nos monumentos, museus e gastronomia. De mãos dadas ou abraçados, percorriam as ruas, subiam as escadas intermináveis de castelos, faziam amor numa muralha, num local não vigiado, num descampado, no carro. Um casal de namorados, com a paixão a haver de muitos anos perdidos.

Conciliando, com alguma dificuldade, as férias, rumaram ao Algarve na última quinzena de Julho. Era a prova de fogo, como lhe chamaram. Uma

casa arrendada em Vilamoura, num Empreendimento fechado, seria o local do teste final para os três. Claro, porque o Paxá também contava e Isabel nunca o deixaria entregue a uma amiga e muito menos a um hotel para animais. E Carlos também já se afeiçoara ao bichano como se fosse seu. Era já, mais do que mascote, um elemento de ligação, que quebrava as pequenas desavenças. Um miado, pedindo uma ternura, um enrodilhar nas pernas, agitando o rabo no ar, e ambos esqueciam os amuos e acarinhavam o gato. Talvez como sucedâneo do filho que não tinham...

Foram umas férias bem caseiras, devido a um tempo incerto, com frequentes aguaceiros. O Algarve, terra do sol, por vezes, pregava destas partidas mesmo no pino do verão. Nalguns dias, limitavam-se à piscina, enquanto o tempo o permitia, e regressavam ao apartamento, desfilando, quase em despique, alguns dotes culinários quase esquecidos. Encaixando-se nos gostos e preferências um do outro. Além do *stock* de víveres essenciais, adquiridos fora das horas de ponta nos supermercados, nalgumas manhãs, bem cedinho, demandavam a Praça de Quarteira. Peixe e marisco, cheirando ainda a maresia, eram um desafio e uma partilha de responsabilidades na cozinha. As gambas à *La Guilho* e os camarões fritos, com a pele a estalar e um molho delicioso, eram duas especialidades de Carlos. Isabel entusiasmava-se mais em confecionar pratos de peixe e uns poucos de carne, feitos sob medida, seguindo à risca um livro de receitas comprado numa tabacaria das proximidades.

Mesmo nos dias mais ensolarados, depois de uma passagem breve de

manhã pela praia, regressavam sempre cedo a casa. O pretexto era o Paxá que ficara sozinho, mas a verdade é que estavam ansiosos por provar um ao outro que era possível viverem a dois, sob o mesmo teto. Passavam a tarde aconchegados no sofá, vendo televisão, ouvindo música, fazendo amor. Nalguns dias, experimentavam um dos muitos restaurantes das redondezas, alongado num breve passeio pela Marina de Vilamoura ou pela baixa de Quarteira. Deitavam-se cedo. Os corpos pediam mais amor, até que, saciados, desfaleciam num repouso retemperador.

Era ainda manhã, de um qualquer desses dias. Isabel estava a preparar o pequeno-almoço. Vestia apenas uma t-shirt, que se alongava até um pouco acima dos joelhos. Carlos acabara de tomar banho e, ainda enrodilhado na toalha, aproximou-se dela. Abraçou-a, colando os corpos. A toalha deslizou para o chão. As mãos dele acariciaram-lhe os seios, descendo sobre a t-shirt, levantando-a, aos poucos, até sentir a pele macia de Isabel sob os dedos, a púbis, a vagina molhada. Inclinou-a sobre a bancada da cozinha, esfregando o pénis nas nádegas, redondas, firmes. Introduziu-o devagar, rodando-o, deixando Isabel em êxtase. Durou o tempo da confeção das torradas. Trémulos, mas com o apetite acrescido, sentaram-se paulatinamente a tomar o pequeno-almoço. Não havia horas para o sexo. Era sempre e quando apetecia. Longo, adiando o clímax, com carícias, preliminares sem tabus, ou rápido, mas intenso.

Havia uma quase perfeição nos gestos, nos comportamentos, como se

quisessem despojar-se de si mesmos, numa entrega total ao outro. Mas nascia uma estranha sensação da entrega demasiada. De quase anulação. Umas férias curtas, assumidas como lua-de-mel, não espelhavam toda a vida a dois. Não representavam o quotidiano de anos de comunhão total. O exercício, voluntário e sentido, de cedências mútuas, começava a apresentar algumas fissuras. Não detetáveis pelo outro, mas interiorizadas por cada um. Temiam o fim do período de férias, altura em que haviam combinado tomar a decisão final. E encontravam-se num dilema. Queriam manter aquela relação, mas apercebiam-se que o processo de anulação mútua que haviam encetado acabaria por ser insustentável. Não teria sido a melhor estratégia, condescendiam. Haviam errado desta vez porque queriam, a todo o custo, que desse certo. E quando se assenta as premissas em fatores adulterados pelas agruras de experiências passadas, a conclusão só pode ser falsa. Querer tudo é não ter nada. Objetivamente, depois de tantas cautelas e barreiras, de tantos antídotos e saber de experiência feitos, haviam sucumbido à mais elementar e crassa das verdades: aceitarem-se, tal como eram, apenas com as concessões necessárias para não inviabilizar o seu relacionamento.

Realmente a vida é complexa. Quando não se tem nada quer-se alguma coisa. Quando se tem um pedaço, quer-se o todo. Há gente que pensa demais. Traça cenários, dá-se ao luxo de escolher entre opções. E, por vezes, complica tudo. Há quem se limite a aceitar ou, quanto muito, deixa a intuição decidir. Mas também nem sempre resulta. Ou redunda em sacrifício. Isabel e Carlos padeciam do defeito de quem pensava em demasia. Por isso,

antevendo cenários alicerçados num passado embora já longínquo, não estavam dispostos, apesar das aparências, a sacrificar quase nada da independência que haviam conquistado. E, de um outro prisma, porque é que uma relação tem de ser padronizada? Se a vida a dois, sob o mesmo teto, leva, geralmente, a uma desaceleração contínua da paixão e do amor, porque não preservá-los de uma forma mais apropriada, mais inteligente?

Isabel e Carlos matutavam nisso, na vida. Estavam estranhos. No último dia de férias. Cada um no seu cadeirão, quando habitualmente estariam no sofá, enroscados, acariciando-se. Aparentemente atentos a um programa de televisão que não viam. A decisão final. Lembravam o dramatismo do termo. E se não era decisão de vida ou morte, parecia, pelo menos, da felicidade que haviam procurado. Cada um tinha já descoberto o caminho, mas não queriam antecipá-lo, com medo de se magoarem.

O amor que fizeram nessa noite foi um amor calmo. Doce. Deitaram-se, voltados um para o outro. Trocaram um beijo longo, no escuro. No fim, sabendo a sal. Algumas lágrimas incontidas escorriam pelos rostos de ambos. Abraçados, rodaram os corpos unidos. Isabel ficou sobre Carlos. Levantou o corpo, apoiando as mãos no peito dele e em movimentos lentos prolongou, até ao limite, o último orgasmo daquelas férias. Escorregou, depois, devagar, pelo corpo dele, voltando-lhe costas. Carlos enroscou-se nela, colocando-lhe uma mão sobre os seios. E assim dormiram a última noite em Vilamoura.

.....

No regresso a Lisboa, Isabel e Carlos estavam mudos. A música de um CD parecia a razão para o silêncio, mas era apenas o pretexto. Ambos não sabiam como abordar a questão latente. Porque havia uma decisão a tomar, mas nenhum se sentia preparado para a assumir. Pararam na estação de serviço de Grândola, para um pequeno-almoço tardio. Olhavam-se, indagantes, perscrutando-se mutuamente. Isabel quebrou o silêncio.

- Temos de tomar uma decisão, não é?

- Pois temos. O que achas?

- É mesmo teu. Respondes à minha pergunta com outra.

- Bem, vamos então por partes. Achas que até agora tem resultado?

- Acho que sim, mas...

- Mas não estás segura de uma vida a dois, permanentemente.

- Exato. Desculpa, não te quero magoar, mas acho que não estou ainda pronta para isso. Gosto muito de ti, mas sei que me sentiria sufocada com um compromisso dessa natureza.

- Concordo contigo.

- Concordas?

- Sim. Também sinto o mesmo. Acho que as sequelas das nossas relações anteriores e a independência que fomos conquistando, ao longo de tantos anos de vida a sós, não nos permite, para já, partilhar tudo. De qualquer modo, acho que não só gosto muito de ti como te amo, o que não é a mesma

coisa.

- Eu sei e também te amo. O gosto de ti tinha esse sentido. Mas sendo assim, e apesar de nos amarmos, como vai ser agora? Acabamos?

- Queres acabar?

- Claro que não. Mas estás disposto a viver assim?

- Porque não? Podemos partilhar sem perder o nosso espaço próprio, até ao dia em que acharmos que devemos juntar os trapos ou, se antes não for possível, as nossas bengalas. Que achas?

- Ah, ah... Acho bem. Mas, no meu caso, gostava mais que me amparasses com o teu braço forte. É que não estou nada a ver-me velhinha e muito menos de bengala...

Resumo biográfico

Nasceu, a 17-06-1953, em São Caetano, Concelho da Madalena, Ilha do Pico, Região Autónoma dos Açores. Estudou no Liceu Nacional da Horta e viveu nesta cidade até 1972. Licenciado pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa, em 1978. Funcionário público desde 1973, sendo Assessor Principal da carreira de Consultor Jurídico, na área da Cultura. Viveu em Macau, cerca de 15 anos, tendo exercido funções na Administração Pública do Território como Técnico Superior, Chefe do Departamento Técnico Jurídico e Subdiretor do Serviço de Administração e Função Pública, Vogal do Tribunal Administrativo e, cerca de nove anos, Diretor Municipal do Leal Senado. Membro da Direção do Clube Náutico de Macau durante oito anos, três dos quais como Presidente.

Publicações

- Diversos artigos em Revistas e Jornais.
- Os Municípios em Macau - Livros do Oriente, 1999.
- Macau (Via Hong Kong), um Romance de Amor - Editorial Diferença, 2002.
- Nas Asas da Net – Chiado Editora, 2015.
- Retalhos de Lava – e-Book, 2016, e versão impressa de 2018, AMAZON.
- O Meu Vício És Tu – e-Book, 2016 e versão impressa de 2018, AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol I – e-Book, 2016 e versão impressa de 2019. AMAZON.
- Do Amor, Das Coisas e da Natureza, Vol II – e-Book, 2016 e versão impressa

de 2020. AMAZON.
- Contos e outros Textos – e-Book e versão impressa, 2020, AMAZON.
- Vidas de Bruma - e-Book e versão impressa, 2022, AMAZON.

Página pessoal e Contactos

Página pessoal: http://www.avelinorosa.com

Procurar no "Google" ou noutro motor de busca por Avelino Rosa.

Email: avelinorosa069@gmail.com